

# REVISTA **Oxente!**

AGOSTO 2022 | EDIÇÃO 07

## Praças centrais: um retrato cultural de Teresina

Cavalo Piancó: Passos de história e tradição

Cosplay: A arte de muito mais do que se fantasiar

Nonato Oliveira, Picasso e Hotel Salê

De São Benedito, da Dona Graça e do Seu Lenilson: Fé, patrimônio imaterial da vida

# Índice

É DIA DE ARTE, É DIA DE PIAGA .....	03
BATATINHA FRITA, UM, DOIS, TRÊS! .....	07
É POSSÍVEL VIVER DA ARTE? .....	12
ONDE O SANTO DE CASA FAZ MILAGRE .....	18
COSPLAY: A ARTE DE MUITO MAIS DO QUE SE FANTASIAR .....	24
CAVALO PIANCÓ: PASSOS DE HISTÓRIA E TRADIÇÃO .....	30
RODA PUNK À LÁ ESTAIADA .....	35
O ATO DE FESTEJAR .....	41
OLHARES DA RECEPÇÃO: A PERSPECTIVA CRÍTICA CINEMATOGRAFICA .....	45
MODA DE A À Z .....	50
NONATO OLIVEIRA, PICASSO E HOTEL SALÊ .....	55
ASCENSÃO DAS NOVELS CHINESAS E A REPRESENTATIVIDADE LGBTQIAP+ .....	59
A PIROGRAFIA .....	66
PRAÇAS CENTRAIS: UM RETRATO CULTURAL DE TERESINA .....	73
DE SÃO BENEDITO, DA DONA GRAÇA E DO SEU LENILSON .....	83

## Expediente

### Reportagem

Bárbara Fogaça  
Caio Monteiro  
Dhara Leandro  
Eliane Carvalho  
Juliene Santos  
Eric Medeiros  
Airton Lima  
Glenda Muryelle  
Isadora Holanda  
Izaura Martins  
Izaura Ribeiro  
James Jarrel  
João Gomes  
John Myke Pinheiro  
Julia Raulino  
Lourrany Meneses

Lucas Leal  
Celeste Ribeiro  
Clara Magalhães  
Mariella Aguiar  
Mikaela Ramos  
Nathan Rangell  
Raissa Gonçalves  
Rebeca Louise  
Roberta Laurindo  
Sabrina Alana  
Sarah D'arc  
Tatiele Sousa  
Vanessa Kelly  
Wilka Paz  
Yara Pereira  
Thalita Desidério

### DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO

Dhara Leandro  
James Jarrel

### EDITORA CHEFE

Ana Regina Rego

### ILUSTRAÇÃO DE CAPA

~weedza~ Vitoria  
James Jarrel

# EDITORIAL

---

Enquanto o termômetro marca 38° e as flores de um dos ipês caem formando um tapete de rosas amarelas que nos acolhe e acalma nessa primavera de 2022, em que o Brasil passa por uma das eleições presidenciais mais difíceis da história, eu leio a sétima edição da Revista Oxente, feita a muitas mãos por uma linda turma de jornalistas em final de formação na UFPI.

A arte nos salva nos anos sombrios, a arte nos guia nos dias difíceis, a arte nos acolhe e desperta afetos, a arte pode ser um ponto de inflexão no compartilhamento do sensível.

Nossa revista fala de cultura, fala de arte, do nosso e de outros lugares. Nossa revista é antes de tudo uma experimentação de perspectivas dialógicas entre um jornalismo literário e um jornalismo cultural, permitindo a interação entre o jornalista e seus entrevistados, ambientes e fatos observados.

Nada do que está aqui se propõe a ser cimento do real, mas somente a ser nuvens de um presente, nuvens que podem traduzir os costumes de uma época e desvelar as práticas de um tempo mutante.

São quase 90 páginas de escritas criativas em que o leitor pode escolher seu próprio percurso, começando pelas páginas do passado histórico, ou mergulhando nas artes plásticas, conhecendo festivais de artes visuais e festivais de música, ou conhecendo a cultura oriental no audiovisual, nos animes, nos mangás e na cultura Cosplay. A moda também se faz presente e pode se situar em qualquer ponto dos caminhos do olhar.

Os percursos são livres, nada é pré-determinado. Não queremos um mundo recortado em caixinhas de um jornalismo moderno, queremos apresentar um mundo fluído e reticular em que o tempo presente se torna tapeçaria para tessitura de uma contextualidade improvável em que a diversidade é reconhecida e respeitada.

Boa leitura!



# É DIA DE ARTE, É DIA DE **PIAGA**.

**James Jarrel  
e  
Clara Magalhães**

**E**ra a manhã do sábado de 23 de julho quando saí da aula e decidi que não iria a outro lugar se não o festival de arte que aconteceria no Complexo Cultural Clube dos Diários. Uma amiga próxima já me falava sobre tal evento a alguns dias e isso despertou certa curiosidade em mim, despertou também uma vontade de ir ver a arte presente lá com os próprios olhos e também, como bom jornalista, anotar o que se passava no lugar.

O festival, denominado “Piaga Festival”, aconteceu nos dias 21, 22 e

23 de julho e fazia parte de um projeto de artes integradas, movimento que abrange diversos setores da arte, seja teatro; arte visual; pintura; dança; entre outras. Essa seria a quarta edição, a edição de férias, e reuniu expositores de artes visuais, algumas feiras que vendiam belíssimos produtos artesanais e ainda, atrações musicais. E foi com toda aquela atmosfera composta por, como eu posso dizer, criatividade, que me deparei ao entrar no Clube dos Diários.



Piaga Festival no Espaço Clube dos Diários; Foto por James Jarrel.

Quando adentrei, vi um lugar acolhedor, a iluminação colorida dava um ar místico para as pinturas, fui o primeiro visitante a chegar, não haviam outras pessoas além dos organizadores e alguns artistas arrumando e posicionando seus produtos nas mesas. Andei pelo grande pátio do local observando atentamente os detalhes e o que diziam as pessoas, descobri que o evento era voltado para produção e exposição de arte exclusivamente piauiense e isso me chamou muita atenção, já que a cena artística local realmente precisa de espaço e de notoriedade. Com algumas pesquisas, descobri que Piaga é o nome do chefe espiritual dos indígenas, também chamado de pajé, uma palavra de origem tupi para designar o sacerdote que tem o poder de se comunicar com espíritos

e ancestrais, além de ser benzedor e curandeiro. Logo pensei que o nome não poderia ser mais piauiense.



Foto por James Jarrel.

**“É muito bom quando a gente tem essa iniciativa de ir atrás de conhecer novas pessoas, conhecer o trabalho de outras pessoas para que isso te inspire também, sabe?”**

**- Laura Ferraz**

O espaço do Clube dos Diários é um retângulo, as mesas dos artistas estavam posicionadas próximas às paredes de todo o espaço e haviam estandes com quadros que foram posicionados de modo a deixarem livre um espaço no centro do pátio. Eu não sabia naquele momento, mas naquele centro vazio iria ocorrer uma apresentação de dança. Caminhei por entre os estandes olhando individualmente cada um dos quadros expostos e eles possuíam etiquetas com os nomes das obras, técnicas utilizadas, nomes dos artistas e valor da arte. Os quadros possuíam os mais diversos tamanhos e utilizavam as diversas técnicas: óleo sobre tela, tinta acrílica, lápis de cor, arte digital e até mesmo misturavam as mesmas.

Reconheci alguns quadros e alguns nomes, Leandro Alves, Laura Ferraz e Aurora. Decidi então acompanhar minha amiga Laura e fazer minhas próprias anotações sobre como seria o dia de um artista expondo sua arte, de acordo com o que observei dela. Seu dia havia sido um tanto corrido e ela se empenhava em vender suas peças de arte para as pessoas que se aproximavam de onde nós estávamos, eram diferentes pessoas, de diferentes idades e gostos e elas não estavam ali somente para observar e comprar, mas também para conversar sobre as peças e obras e trocar ideias.

**“É interessante que mesmo que a pessoa não vá vender muita coisa, a pessoa esteja ali para conversar sobre os seus produtos, trocar ideias com as pessoas para que elas tenham conhecimento do seu trabalho [...]”**

**- Laura Ferraz**

Fomos passear pelo evento e olhar as mesas de outros artistas, para conhecermos outros trabalhos e encontrar pessoas já conhecidas, e a variedade de técnicas e cores usadas em cada composição era realmente fascinante. Ainda nos deparamos com uma mulher em seu mais dramático momento; ela fazia um teatro de bonecos dentro de uma caixinha e muitos que passavam por ali, inclusive nós, paravam para observar aquilo com admiração. Conversamos com ela sobre os bonecos e descobrimos que eram feitos por ela artesanalmente, o que deixou aquele momento ainda mais único e interessante.

Logo após retornamos para onde estávamos inicialmente, saímos pois nossa atenção havia sido capturada por uma música que descobrimos que embalava a dança de alguns artistas, a apresentação se chamava Sabbath da Brixá e foi uma experiência muito envolvente assistir e ser hipnotizado pelos artistas que faziam, com muito empenho, essa performance tão marcante.



Foto por James Jarrel.

**Laura Ferraz**

*Pintora, Escultora e Artista Plástica.*

Aquela foi nossa última experiência artística daquela noite. Saímos do local e o barulho pareceu abafado por algo ainda mais perceptível, o silêncio. As ruas de Teresina estavam desertas e escuras, pois já era noite e eu, me orgulhando de ter participado desse dia cansativo na vida de um artista, que é o dia de exposição, já tinha bastante na minha cabeça sobre o que queria escrever e relatar. A arte local é realmente linda e inspiradora e sim, ela precisa de mais visibilidade.

“eu acho que o artista, ele se beneficia desses eventos quando ele tá expondo o seu trabalho pro público, pro público conhecer, tomar conhecimento desses trabalhos que são realizados por ele, tipo, seja a técnica, seja o motivo que ele ta fazendo, o conceito, as intenções por trás que o artista tem. [...] Movimenta também um pouco da própria cultura, sabe? Do Cenário cultural daquela região, quando ele tá contribuindo pra aquilo, né? Tanto financeiramente quanto culturalmente.”



Foto: arquivo pessoal.

**Leandro Alves**

*Artista Visual, Tatuador e Grafiteiro.*

“A importância desses eventos assim para os artistas é tanto para população conhecer os artistas que são meio que underground na cena como também dar oportunidade e palco para esses artistas se promoverem, conhecer outros artistas, trabalhar com artistas mais reconhecidos na sociedade, aumentar a networking e também dar mais experiência para o artista. Vamos dizer assim: para aumentar o portfólio, para evoluir mesmo, faz parte da evolução do artista participar de eventos desse nível.”



## **Batatinha frita, um, dois, três!** **Quando a mídia coreana ultrapassa as barreiras da linguagem**

Por Dhara Leandro e Mariella Aguiar

**U**m aplicativo no meu celular notifica: “Love All Play começa em uma hora”. Faz algum tempo que cheguei ao trabalho. Entre tabelas no excel e projetos de engenharia, meus colegas conversam sobre as séries que estão assistindo. “Eu comecei uma série coreana muito legal. É um romance tão inocente, tão engraçadinho. Tô viciado”, diz um deles. Isso me pega de surpresa, Tarcysio não faz o tipo que gosta de romances água com açúcar, muito menos asiáticos. Fico curiosa para saber qual dorama ele descobriu e ele logo responde meu questionamento. “Estava procurando séries para assistir com a Carol, minha esposa, e apareceu essa *Business Proposal*. Eu já tinha visto essas séries coreanas antes, mas nenhuma chamou a atenção”.

Esse é mais um claro exemplo do sucesso das novelas asiáticas no exterior. Exibido originalmente pela rede de TV coreana SBS, de fevereiro a abril de 2022, o dorama que meu colega assistiu conta a história de Shin Ha-ri, uma funcionária que aceita ir a um encontro às cegas no lugar de sua amiga, mas descobre que o encontro é na verdade com seu chefe. *Business Proposal* é, atualmente, a nona série mais vista na Netflix este ano, com 41.4 milhões de horas assistidas.

Para Tarcysio Ferreira e Carol Mesquita, o maior atrativo dos doramas é a diferença entre a cultura brasileira e sul-coreana. “Eles são muito inocentes, parece até que estamos assistindo um romance do início do século 20. Não tem beijo e até pegar na mão se torna um

evento grandioso pra eles!”, ele afirma surpreso. Disso eu dou risada. *Business Proposal* é realmente casto, mas nem todos os dramas são assim. Confesso que já assisti alguns bem piores que séries estadunidenses, no quesito quantidade de cenas quentes.

*Hometown Cha-Cha-Cha* e *Crash Landing on You* são outros dramas que conquistaram os pombinhos até então. E o que parece os ter marcado positivamente são os clichês até então desconhecidos por eles. “Os casais dos dramas sempre se encontraram no passado e não se conheciam, é um clichê que adoro.” E a crítica negativa: apesar da pegada cômica, divertida e romântica, as partes de drama são bem fortes, o que tira um pouco a superficialidade da história.



Tarcysio e Carol. Foto: Arquivo pessoal.

Do outro lado da cidade, finalizando sua noite de sexta-feira, Gabryella Silva entra no mundo distópico de *The Devil Judge*. Nesse mundo fictício, as pessoas cultivam ódio, caos e desigualdade, coisa que retrata bem a letra de “Xibom Bombom”: o rico cada vez fica mais rico

e o pobre cada vez fica mais pobre. A jovem se entretém assistindo a história de Kang Yo-han, um juiz com passado misterioso que, em meio ao cenário onde vive, resolve transformar o tribunal coreano em uma espécie de reality show, com direito à participação popular. A série se destrincha então recheada de investigação, dúvidas e suspense. É isso o que prende a estudante e mais vários espectadores que aguardam ansiosamente para saber se Yo-han é o herói ou o grande vilão da trama.

Gabryella assiste *The Devil Judge*. Foto: Arquivo pessoal.



Nem só de romance meloso para assistir com a esposa vive o homem, aparentemente. O público parece gostar também de suspense, tensão e, ocasionalmente, vísceras e cabeças voando. A voz infantil canta “Batatinha frita, um, dois, três!” de forma melódica, marcando o início do primeiro jogo de sobrevivência. Os participantes desavisados que ousam se mexer são metralhados de forma assustadora pela boneca cabeçuda gigante que os observa de longe. Os mais espertos logo percebem a

semelhança com o jogo que brincavam quando criança, entendendo que o objetivo é chegar à linha que marca o fim do campo de visão da boneca. Cuidado, você não pode se mexer quando ela olha! E fique atento, o tempo está acabando.

*Squid Game*, ou *Round 6* como conhecemos no Brasil, explodiu na Netflix, se tornando a série coreana mais assistida do mundo. Literalmente. Estreando mundialmente em 17 de setembro de 2021, é o programa mais assistido da plataforma, acumulando mais de 1.65 bilhões de horas visualizadas nas primeiras quatro semanas após o lançamento. Chegou tão longe que foi a primeira série de língua não inglesa a ser indicada ao Emmy na categoria de Melhor Drama, seguindo o legado de Bong Joon-ho e sua obra vencedora de quatro Oscars, *Parasita*. Vários espectadores assistiram ansiosos os jogos mortais baseados em brincadeiras infantis, ora torcendo para seu personagem favorito não morrer, ora amaldiçoando os que sobreviviam por trapacear no jogo. O mundo inteiro contemplou essa crítica ao capitalismo disfarçada de entretenimento numa plataforma completamente capitalista.

A febre também me pegou, não nego, e confirmei que todo o hype não é para menos. Da primeira vez que tentei assistir, parei no primeiro episódio, me sentindo sufocada com tanto sangue derramado em quarenta e cinco minutos, assustada e jurando que nunca mais ia

ver aquilo de novo. Não preciso dizer que não cumpri a promessa e, semanas mais tarde, estava acompanhando assiduamente a saga dos 456 jogadores endividados, arriscando suas vidas pelo prêmio de 45.6 bilhões de won sul-coreanos, equivalente a 35 milhões de dólares. Chorei, xinguei e fiquei aflita. Mas acho que é esse o objetivo, não é? Fazer você sentir como se estivesse ali dentro.

Em Teresina, são 20h30 de uma terça-feira qualquer, horário que marcamos uma conversa pelo *Google Meet* para discutir o sucesso de *Round 6*. Faz mais de meia hora que testamos a chamada para tentar gravar o bate-papo. Estamos jogando conversa fora quando as meninas solicitam participação na chamada. A primeira a entrar é Ana Luisa Castanho, do Rio de Janeiro. Laura Lima reside em Belo Horizonte e é a segunda convidada a adentrar nosso espaço virtual. Thalita Desiderio, nossa colega de curso e disciplina, também chega para enriquecer o diálogo. Piauí, Rio de Janeiro e Minas Gerais se reúnem para falar sobre uma série coreana lançada numa plataforma estadunidense. Se isso não é globalização, eu não sei mais o que é.

De todas nós, a única que nunca assistiu o dorama foi a Laura, mas ela também não saiu ilesa de spoilers, porque acabou vendo algumas cenas famosas pelo YouTube e nas redes sociais. Tanto ela quanto Ana Luisa viram alguns de seus artistas favoritos comentando

sobre a série, além dos famosos amigos virtuais, que já estavam vidrados na saga dos endividados. E foi assim que a Ana resolveu assistir, e a sua primeira impressão é, de forma nada surpreendente, um choque. Acredito que ser apresentado a sangue esguichando para todos os lados de forma tão grotesca logo no primeiro episódio traz essa reação mesmo. Até os mais fortes se assustaram de início.

Thalita, “dorameira” assídua e acostumada com os clichês românticos citados lá em cima, não gostou muito de *Round 6* no início. “Fui sem nenhuma expectativa, mas achei brilhante. Não é como os doramas que eu assisti antes, mas é muito bom, te prende e você assiste rapidinho”.

Assim como nos olhos de Thalita, a série brilhou aos olhos da crítica, justamente por não ser “como as outras”. Laura até menciona que quase resolveu assistir só pelas críticas positivas que viu. “Trouxeram coisas sobre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte, enraizando esses costumes na série de uma forma divertida, que conseguisse se conectar com o público em geral”, disse. Por outro lado, ela só não assistiu logo de início por conta de outras críticas, desta vez negativas, à tradução da Netflix.

Mesmo sem ter visto a série, a mineira afirma que o sucesso da série faz sentido, pela construção e pelo formato — “parece *La Casa de Papel*, outra série de língua não inglesa bastante querida

pelos usuários da plataforma.” Ela também frisa que este é o tipo de conteúdo que agrada diversos públicos.

Por ter assistido inúmeras novelas sul-coreanas, Thalita fala com propriedade que *Round 6* foge do estereótipo dos doramas comuns. “Não tem romance, não tem galã. A história não é sobre isso.”

Conversa vai, conversa vem. Perguntamos às meninas qual sentimento ficou depois de assistir a série. “Foi tudo muito bem construído para atingir o público internacional. Pegaram um enredo que todo mundo assistiu e gostou. Só achei muito violento”, diz Ana.

“Acabei de descobrir que é violento, não sabia não”, Laura comenta. Todas nós damos risadas. Isso é outro aspecto interessante. Os primeiros trailers e posters não deixavam claro a natureza sangrenta da produção. Esta é uma surpresa que aguarda todos aqueles que se aventurarem pelo mundo de *Squid Game*.

Cerca de meia-hora depois estamos finalizando o bate-papo. Perguntamos às participantes o que elas diriam para alguém que nunca viu *Round 6*, e Ana Luisa resume bem o que todas pensavam.

“Eu diria pra deixar a estranheza de lado, mesmo que seja em uma língua em que você não está acostumado a assistir, com uma cultura diferente. Dê uma chance e beba muita água.” Você vai mesmo precisar.

Uma característica das séries sul-core-

anas é que elas não costumam contar com mais de uma temporada. Produzidas para a televisão com, em média, 16 episódios, ao término de uma delas, outra logo substitui no mesmo horário. Dezenas de dramas vão ao ar durante todo o ano, em diversos canais de TV e streamings especializados em conteúdos asiáticos. Mas *Round 6* não seguirá pelo mesmo caminho. Seja devido ao

sucesso internacional, ou até mesmo porque ainda há muito o que contar da história, a série volta à plataforma da Netflix com uma segunda temporada. De qualquer forma, a verdade é que os fãs da Batatinha Frita aguardam ansiosos o retorno dos jogos mortais. E se eu fosse você corria para assistir tudo antes da estreia dos próximos episódios.

Cartazes promocionais dos dramas citados no texto. Fotos: Reprodução/Asian Wiki.



*Love All Play*



*Business Proposal*



*Hometown Cha-Cha-Cha*



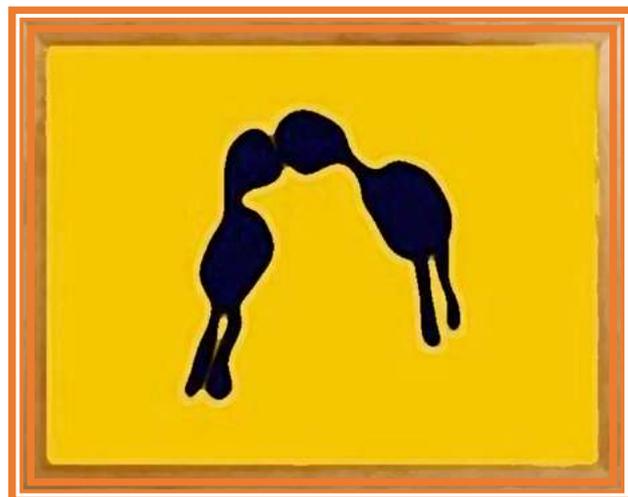
*Crash Landing on You*



*The Devil Judge*



*Round 6*



Quadros da loja Aprumar.

# É POSSÍVEL VIVER DA ARTE?

**Raissa Gonçalves  
e  
Eliane Carvalho**

**E** quem disse que terra seca e sol quente não trazem inspiração? Ah, e como trazem! Quando nos deparamos com o trabalho de alguns artistas e artesãos do Piauí, percebemos as riquezas da cultura piauiense, e vê-las transformadas e materializadas em arte nos provoca um sentimento de

orgulho e pertencimento único. Mas uma pergunta veio a nossa mente: **“Será que é possível viver da arte?”**

Virou meme dizer, “vou largar tudo e viver da minha arte!” Mas será que realmente conseguiríamos viver só disso? Foi com essa questão em mente que fomos conhecer e conversar com

artistas do Piauí. Nossa intenção nesta matéria é, em primeiro lugar, exaltar a nossa cultura, a arte piauiense e mostrar nossas singularidades, e, em segundo lugar, responder esse questionamento, é possível viver inteiramente de arte?

Trazer o regionalismo ao trabalho não se trata apenas de uma ideia, mas de inspiração, afinal, arte é expressão, e se falamos a língua do piauiês, então, nosso manifesto também é expresso em piauiês. E foi falando essa mesma língua, que tivemos um encontro cheio de afeto com a arte de José Marcelo e Ítalo Lima, artistas que elaboram e tecem o orgulho de ser piauiense.

A arte dos dois une o piauiês verbal e o não verbal, aquele que mesmo quando não pronunciado é enxergado nos detalhes e nos símbolos. No jeito arretado de ser, que você só encontra no Piauí. Os dois criaram juntos a Aprumar, uma loja de itens afetivos piauienses.

### **Sobre os idealizadores**

Conhecemos o Ítalo Lima através do Instagram e confessamos que, o

que nos chamou mais atenção foi o fato dele escrever crônicas eróticas em piauiês. Foi o que nos despertou curiosidade sobre a pessoa por trás do Aprumar. E por isso logo falamos com ele e pedimos uma entrevista, e ele prontamente concordou.

Em nosso bate papo, perguntamos a ele sobre sua história. Ele nos respondeu que se considera um rapaz simples, que foi criado por seus avós em Teresina. A sua idade confirma a aparência de jovem adulto, que é não tão jovem tipo adolescente, mas também não é tão velho. Exatamente a mesma vibe de quem está saindo dos vinte para os trinta anos. Ítalo tem vinte e nove anos, e é formado em Publicidade e propaganda. Um curso que, em nossa perspectiva, explica



Ítalo e José Marcelo

bem a facilidade que ele teve para criar e para imprimir e materializar as estampas do Piauí nos produtos da Aprumar.

Cheias de curiosidade, perguntamos a ele sobre seu encontro com a arte. Como tudo começou. E na resposta que ele nos deu, ficamos pensando que até em sua maneira de falar, ele expressa a veia artística. Como se tudo para ele fosse poesia. Ítalo nos respondeu que a arte sempre o rodeou e o atravessou de uma forma arrebatadora. E que ao longo do caminho ele transformou esses atravessamentos em alguma coisa: poesia, crônicas, artes visuais e inquietações. Ou pelo menos, tentando fazer dessa forma.

E internamente, nos perguntamos se a Aprumar também foi origem desses atravessamentos e como se lesse nossas mentes, ele explicou logo em seguida que a sua última inquietação foi lançar junto com seu companheiro, José Marcelo, uma loja que exalta e valoriza a cultura piauiense, a loja Aprumar do Piauí, antiga Poesia em Moldura. Com esse

intuito de enaltecer nossas raízes, o nosso piauiês e a nossa língua, de um jeito leve e poético.

Aproveitamos para indagá-lo sobre a razão de escolher produzir produtos sobre a cultura piauiense. Ele explica que a loja surgiu de uma dor piauiense, é que nós, do Piauí, sempre tivemos a autoestima muito baixa, e que essa não representação simbólica que nos identifica de fato contribui bastante para essa falta de identidade perdida que temos. Como artista, a intenção dele é a de tentar buscar essa identidade de alguma forma, e por mais pretensioso que pareça, a de querer que o piauiense se reconheça



nos produtos que eles vendem.

É o nosso sentimento frente aos produtos da Aprumar, é o sentimento de que o Ítalo e o José Marcelo alcançaram esse objetivo. Afinal, a gente se reconhece nos quadros, nas camisetas, nas canecas. É um sentimento de orgulho. “*Piauí, tem afeto demais no meu abraço*”, dizia um dos quadros. E tem mesmo! Tem afeto demais!

Mas não se vive só de afeto, e mesmo que arte nos traga tamanha empolgação, sentimentos únicos, não podemos esquecer que um dos objetivos da nossa matéria é saber se é possível viver dela.

Levamos essa questão ao Ítalo, e ele nos respondeu que, “Mesmo que haja esse romantismo de viver da própria arte, o que se sabe é que é um processo de resistência, de sobrevivência, de nadar contra a maré. Porque é um desafio muito grande vender um produto cultural (que é o nosso) para um público que ainda busca sua própria identidade, que não se encontrou culturalmente”. Ele fala sobre o papel que a gente e eles têm, de também encontrar e construir esse caminho da nossa identidade, da nossa história, de registrar o: “*Armaria, merma*” que todo mundo diz diariamente. Acima de tudo, ele afirma que eles existem para registrar o tempo que vivem através da arte, seja ela através do produto deles, ou seja, ela através das crônicas eróticas em piauiês que ele escreve.

### **História por trás da arte**

Confesso, essa ideia de viver de arte ou artesanato sempre me fascinou, não sei se a criatividade nasceu comigo ou se ela me escolheu, mas de fato a arte e o artesanato sempre me encantaram é como ouvir minha música preferida, viajar nos



desenhos que amo e comer aquela comida gostosa feita pela sua mãe com um cheiro maravilhoso.



Aila Lauane

Mas nossa narrativa se constrói em afeto e em criatividade e vamos detalhá-la mais ainda. Quando nos deparamos com o trabalho artesanal de Aila Lauane Dias Reis pensamos: “Meu Deus, que fantástico!” Eu, Eliane, gostaria de ter a mesma coragem que ela teve de realmente viver do que ama, o artesanato.

Conheci a Aila através da minha irmã, ela trabalhava em um comércio na cidade de Floriano-PI de onde sou natural, a primeira vez que a vi me encantei de alguma forma não sei se foi pelo cabelo enrolado, ou talvez, por sua personalidade ser parecida

comigo. Ela estava no trabalho em uma loja de doces, o vai e vem dos clientes entrando e saindo da loja no centro da cidade não deixou despercebido a fofura de pessoa que ela é e os detalhes da organização impecável de onde ela trabalhava. Detalhes, essa é a palavra, ao me deparar com o trabalho da artesã nas redes sociais me encantei novamente, pois ela transformou fofura e afeto em artesanato. Apresentei a ideia a minha parceira de trabalho e deu nisso nessa produção textual.

Em cada detalhe de cada peça que ela faz exala o carinho de um pedido de namoro, a emoção de um casamento, o choro de uma formatura, um pedido de noivado e a ternura de dorminhoco bebê, porque os amigurumis que ela faz são isso, são para presentear e surpreender quem gostamos. Os bonequinhos feitos em crochê têm esse nome através da junção das palavras japonesas “ami” (malha ou tricô) e “nuigurumi” (bichos de pelúcias) e são feitos manualmente.

A história dela com o artesanato começou desde pequena sabe quando ficávamos perto da nossa avó brincando de dirigir a máquina antiga de costurar dela, é exatamente isso, veio da avó a paixão pelo artesanato que só aflorou aos 26 anos de idade no ano de 2019, como a artesã diz sempre teve referências de artesanato em casa e eu também, acredito que a arte é uma forma de construir sonhos e viajar nas cores e criatividade.

A artesã começou seu trabalho como hobby e desistiu do emprego no comércio para prosseguir no mundo da arte. Fizemos a seguinte pergunta a ela:- Você acha que é possível viver de artesanato? Ela respondeu que, “Sim,



é possível. No momento, eu vivo apenas com o lucro do meu artesanato. Mas demorei um pouco para entender o ritmo do meu trabalho e aprender a precificar de forma certa para ter um lucro adequado. Mas com as informações certas e com muito trabalho, é possível”.

O trabalho que ela faz é inspirador e incentiva outras mulheres a conquistarem sua independência financeira. É aquela velha história quando a arte te lembra o artista e o artista te faz lembrar da arte.



# Onde o santo de casa faz milagre

Por Lourrany Meneses e Sarah D'arc

Obra do Mestre Dico. Foto: Sarah D'arc.

**E**ra uma manhã ensolarada de terça, e em meio a correria e ansiedade de chegar na parada de ônibus na hora certa, a empolgação de ter conseguido passar para a escola de dança mais conhecida do Estado, era o que predominava. Uma longa hora de viagem, ônibus lotado, enjoos e comentários: “Cheira limão que passa” “Por que ela não tenta dormir pra não ver o percurso?”, “Pelo amor de Deus Lourany, não vai vomitar”. Urgh... Tarde demais.

Chegamos na Central de Artesanato Mestre Dezinho e a euforia que existia dentro do meu peito deu espaço ao sentimento de admiração. Logo na entrada eu e minhas amigas começamos a observar algumas artes espalhadas. Faltava uma hora para começar a nossa primeira aula, então fomos desbravar aquele ambiente rico.

Por todas as partes encontrei esculturas em madeira com imagens de santos em vários tamanhos diferentes. Fiquei admirando e me questionando: “Quanto tempo levou para serem concluídas?”. Dei dois passos e percebi que a lateral da parede de madeira estava completamente talhada com a figura de um vaqueiro guiando o rebanho e ao fundo várias carnaúbas completavam o típico cenário nordestino. Nesse momento, eu ainda não sabia que anos depois eu escreveria sobre o artista responsável por aliviar a minha tensão naquele dia. Homem experiente, mais de 40 anos trabalhando com arte e desde

muito cedo habilidoso em esculpir e entalhar. Ele mesmo me contou isso durante entrevista.

Ao chegar em sua casa, não tinha como ter dúvidas. Logo na entrada me deparei com uma placa de ferro um pouco retrô, logo entendi o que haviam me falado na rua anterior quando perguntei a um grupo de idosos que papeavam na calçada “Com licença, a casa do mestre Dico fica por aqui?”. Eles me responderam: “Basta seguir em frente, você irá encontrar e nem precisa saber o número da casa”.

Apertei a campainha e fiquei aguardando ansiosamente em frente a porta, para minha surpresa, do outro lado, foi um enorme portão que se abriu e alguém começou retirar lentamente o carro da garagem. Acenei com um pouco de timidez ao perceber que dentro do carro estava o Mestre Dico e aparentemente ele não havia lembrado da nossa entrevista. Naquele momento ele desceu do carro e eu pude me apresentar, aquela expressão de surpresa entregou que ele realmente havia esquecido.



Residência do Mestre Dico. Foto: Sarah D'arc.

O Mestre me contou que estava saindo para comprar mais cera. Ele explicou que o material seria utilizado para realizar o acabamento de uma enorme peça que estava em processo de restauração e me convidou para entrar. Fui guiada até a oficina, que estava repleta de peças em processo de restauração. Confesso que estava esperando encontrar várias obras de artes inacabadas, madeiras e ferramentas. Foi então que eu percebi, que o trabalho do artesão vai além da criação das belas esculturas, o processo de restauração é imprescindível para manter a arte viva.



Mestre Dico em sua oficina. Foto: Sarah D'arc.

Mestre Dico me contou sua história com muita simpatia e empolgação, foi possível observar em seu rosto a alegria de falar sobre seu trabalho e como tudo começou. A história do rapaz que vendia roupas em frente ao Museu do Piauí, como ele mesmo relatou: “ Eu nunca imaginei que um dia iria trabalhar com a restauração das peças daquele mesmo museu.”

Foi através de um convite feito por seu cunhado, Mestre Manoel Martins San-



Mestre Dico fala detalhes de suas obras. Foto: Sarah D'arc.

tos que o Mestre Dico se encontrou na arte santeira. O Mestre Manoel observou que Dico possuía muita habilidade para desenhar e lhe ofereceu um salário três vezes maior para que ele pudesse auxiliar na produção das peças. Foi assim que a carreira do jovem artesão começou a decolar pelo Brasil e até mesmo para o exterior.

Mestre Dico atravessou fronteiras com sua arte, uma das exposições que marcou sua vida, foi realizada no Complejo Ferial localizado em Córdoba, na Argentina. Para conseguir participar do evento, Dico precisou elaborar campanhas para arrecadar dinheiro. Todo o esforço valeu a pena, o artesão conseguiu expor suas peças entre 22 países e voltou para casa com a premiação de segundo lugar. como diria os seus amigos chilenos: “Em Córdoba, o santo de casa faz milagre”.

O tempo passou muito rápido, de repente já era meio dia e eu precisava me deslocar até o próximo destino. Mestre Dico me prometeu uma panelada, mas esta ficou para a próxima. Me despedi

com muita alegria por ter sido tão bem recepcionada em sua casa.

Fui almoçar em um lugar que me traz muita nostalgia, a Central de Artesanato Mestre Dezinho. Após o almoço, enquanto aguardava a Sarah, fiquei andando pelo local lembrando de tudo que eu aprontava por ali, e sempre esbarrava em uma obra, entre elas, a de José Alves de Oliveira, o famoso Dezinho.

De longe avistei Sarah chegando e logo pedimos um uber para seguirmos até o nosso próximo destino, a casa de Joaquim José Alves, conhecido como Mestre Kim, o famoso discípulo de Mestre Dezinho.

Ao chegar em frente à sua casa, tocamos a campainha por algumas vezes e comentei: “Será que ele também es-

queceu?”. Ouvimos alguns barulhos, precisamente um: “toc toc toc”, que logo nos fez perceber que o Mestre estava ao fundo da casa, trabalhando em sua arte.

Após alguns apertos a mais no interruptor, a porta se abriu e lá estava, o saudoso. Entramos e logo na garagem ele nos apresentou dois anjos feitos por Mestre Dezinho. “Essas obras têm mais de 30 anos, e vamos entrar, só não reparem a bagunça porque a casa está em reforma”, disse ele.

Em sua oficina, no quintal, sentamos e questionamos sobre o que levou ele a dar continuidade ao trabalho do tio e sogro. Foi mais de uma hora de bate-papo e muitas risadas, ele nos contou que começou desde cedo, na infância, ele usava gilete para fazer paisagens



Oficina do Mestre Kim. Foto: Lourrany Meneses.



Mestre Kim produzindo uma peça. Foto: Lourrany Meneses.

nos giz e lápis. “Mestre Dezinho viu a habilidade que eu tinha, perguntou pra minha mãe se ela deixava eu vim morar com ele e aprender mais, e eu vim, nessa mesma casa aqui que eu moro hoje”, nos contou.

Enquanto conversávamos, um cheiro amadeirado e levemente doce, perfumava o ambiente. Esse cheiro me acompanhou durante o dia inteiro, mas naquela oficina eu pude sentir o seu gosto. Sim, gosto. Posso garantir que não é nada bom. Enquanto o Mestre Kim lixava uma de suas peças, me aproximei para tirar uma foto do processo. Neste momento, inspirei partículas de Cedro e de repente um gosto amargo começou a se formar em minha boca.

Mestre Kim contou que já passou muitas vezes por situações “desgostosas” como esta, mas este é apenas um dos sentidos que a arte já lhe proporcionou. Kim, assim como Mestre Dico, sentiu na pele o frio de  $-2^{\circ}\text{C}$  de Córdova e ainda contou que não gostou muito da experiência, pois teve dificuldade para se comunicar no local. Essa história nos

rendeu boas gargalhadas.

As obras do Mestre Kim viajaram por todo o Brasil e atravessaram fronteiras que nem ele mesmo chegou a ir. Mais de 25 de suas obras de arte participaram de exposições nos Estados Unidos e apenas uma pessoa comprou todas as peças.

Entre risos e conversas o Mestre nos contou um segredo. O Cedro, (madeira utilizada na confecção das peças) pode custar até sete mil por metro cúbico. Além disso, essa madeira está sempre em falta no mercado. Por isso, a sua estratégia é manter, sempre que possível, um estoque. Essa estratégia ele aprendeu com o seu Mestre Dezinho.

Mestre Dico e Mestre Kim são duas personalidades que representam Teresina e o Piauí. Dotados da sutileza de



Mestre Kim nos toques finais de uma de suas obras. Foto: Lourrany Meneses.

produzir arte santeira, são protagonistas da história que tornou uma cultura popular do Piauí, patrimônio imaterial do Brasil.

Porém, a continuação do patrimônio está ameaçado. Os Mestres nos contam que temem um dia essa arte aca-

bar, já que segundo eles não se encontra mais pessoas interessadas em continuar. Mas mesmo que um dia a arte santeira chegue ao fim, os grandes mestres terão o seus nomes atrelados a obras tão significativas para os seus admiradores.



Mestre Kim trabalhando em uma de suas obras. Foto: Lourrany Meneses.

# COSPLAY: A ARTE DE MUITO MAIS DO QUE SE **FANTASIAR.**

---

**Eric Nogueira  
e  
Isadora Holanda**

**E**ntre os anos de 2016 ou 2017 surgiu um vídeo no canal Meus Dois Centavos que refutava especificadamente uma matéria tendenciosa postada no site da Uol que tratava do tema sobre uma possível “saúde mental perturbada” de pessoas que faziam cosplays por se caracterizarem de personagens fictícios e se portarem como se fossem mesmo esses personagens. O canal, o vídeo e a matéria não têm nada a ver com essa reportagem, mas foi a partir daí que tudo começou. Digo isso porque depois de todos esses anos sendo frequentador constante da internet

não encontrei novamente matéria igual a aquela tentativa mal executada de criar uma problemática sobre uma cultura que sempre foi um ambiente dos mais pacífico, onde as pessoas só queriam se vestir de seus personagens favoritos e ir em eventos em que todo amor que os mesmos nutrem pela cultura em que seus personagens estão inseridos é compartilhado por todos no recinto. Porém, sempre existiu em mim uma curiosidade de conhecer mais sobre essa arte e saber porque é que uma mídia tão reconhecida como a Uol resolveu produzir uma matéria tão distorcida da realidade.



Jayme Alves como Loki do seriado.

Então, procurei pessoas que não possuíam tanto contato com essa cultura como eu tenho para ver se realmente existe alguma ideia preconceituosa em relação a cultura cosplay e uma das únicas respostas que me revelou algo com esse viés foi através de Letícia Costa que após ser perguntada se ela aprovaria se um filho começasse a se vestir assim falou:

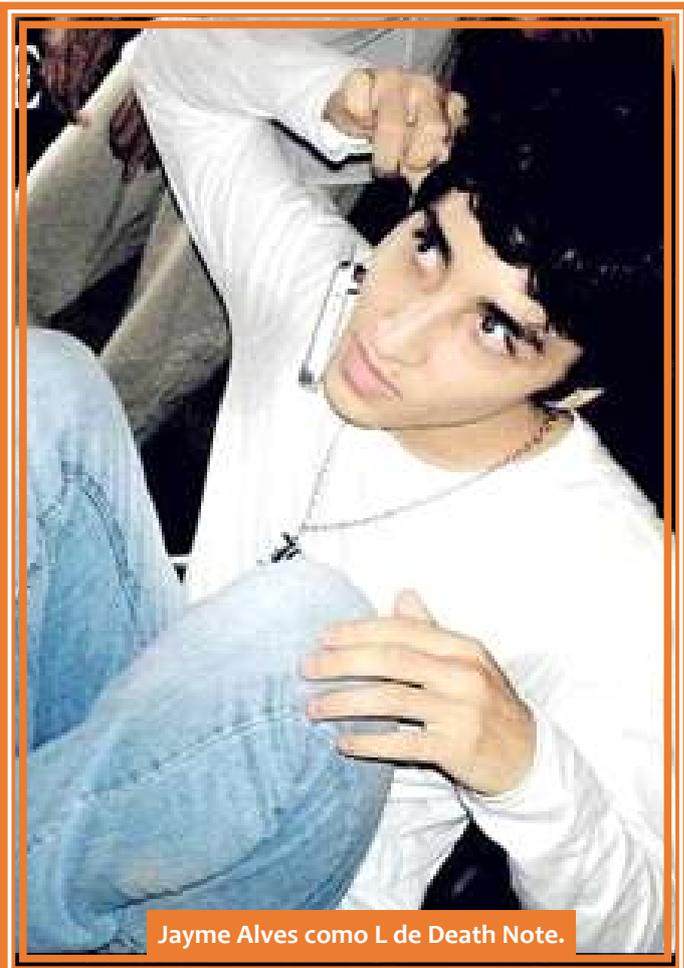
**“Eu com certeza apoiaria, porém iria ter um certo receio dele ou dela sair assim pelas ruas de Teresina, pois acredito que essa atividade ainda dar passos lentos na nossa capital e pelo**

**fato do medo do que é desconhecido. Sinto esse desconforto.”**

Para mim o desconfortante é supor que possa haver qualquer pensamento contra pessoas que fazem cosplay dentro de Teresina já que estou inserido no universo otaku (conceito que abrange aqueles que consomem e celebram elementos da cultura japonesa; que normalmente são animações seriadas) desde criança, como boa parte dos nascidos no início dos anos 2000. Assisti os animes que passavam nas manhãs do SBT e da Globo; passava horas procurando

bons AMV (Anime Music Videos) na timeline do Youtube, mas sempre voltava para o que tinha o Naruto e a Hinata com a música “Evertime We Touch”; fiz fanfics; tive produtos personalizados; apoiei a pirataria local comprando os DVDs com os episódios da primeira temporada do Avatar; baixei ilegalmente todas as músicas das aberturas do Ao no Exorcist; baixei ilegalmente também os episódios na internet e compartilhei com meus amigos através do meu Pen Drive de 4 GB; tentei aprender a desenhar (não consegui); quis ir para o Japão (também não consegui); vesti os personagens de Dragon Ball no Click Jogos; instalei o emulador de gameboy em um Netbook para jogar Pokemon Esmeralda; ficava sem lanchar na escola por semanas porque tinha gastado toda minha mesada comprando mangás Fullmetal Alchemist; conheci muita gente e sempre tive uma admiração gigantescas pelos cosplays, porque era uma representação real daquilo que eu sempre via no outro da tela da televisão. E de uns tempos pra cá vi essa arte crescer e se aperfeiçoar nos eventos de anime em Teresina desde da época que eu ainda era adolescente,

ao ponto de não conseguir acreditar na qualidade em que as caracterizações chegaram aqui na capital. Por isso, resolvi tentar traçar um panorama do que é ser um cosplay em Teresina para que não sobre dúvidas sobre do que se trata essa cultura.



Jayme Alves como L de Death Note.

## A vida de um cosplay

Para adentrarmos nesse universo é conivente vermos através dos olhos daqueles que vivenciam esse mundo, como Jayme Alves, que é cosplay desde 2008 e explica como o porquê esse

universo tanto o cativou. Ele começa com um tom de voz bem confiante e assíduo sobre o que pensa desse universo, pois nota-se na maneira em que ele se dirige ao tema com muita familiaridade.



Juliane Ferreira Belle do filme Belle: Ryuu tô sobakasu no hime

**“Eu já frequentava eventos desde 2005 aqui em Teresina, mas como visitante, vendo animes, vendo os cosplays que já faziam na época; comprando nas lojinhas e tudo mais, mas já em 2007 eu e meus amigos, já olhávamos as pessoas fazendo**

**cosplays e pensávamos: e aí se a gente fizer? Em 2008 nós fizemos nosso primeiro cosplays; eu mais um grupo de amigos. E a gente foi com esse intuito de só vamos ‘se’ divertir; vamos homenagear os personagens que a gente gosta”.**

Jayne também explica o que impactou a sua vida a partir desse ponto:

**“(..) Tanto economicamente (risos), porque alguns cosplays são bem caros, quanto positivamente; foi uma forma de poder me expressar mais, fazer novas amizades com pessoas que gostam da mesma mídia que eu. Já fui convidado para alguns eventos. Conheci muita gente e assim consegui aprender várias formas novas, vários métodos novos, muita coisa mesmo aprendi devido aos cosplays.”**

Dando continuidade, a segunda entrevista, foi realizada com a Juliane Ferreira, ela explica de maneira mais particular e sutil, de como aconteceu sua aproximação com os cosplays e como essa relação foi importante para seu desenvolvimento.

**“No fundamental e ensino médio eu tinha muitas dificuldades em fazer amizades, acabava sendo excluída ou virando alvo de piadas. Eu assistia animes para sair da realidade, quando comecei a frequentar os eventos foi mais por curiosidade e vontade de conhecer outras pessoas que gostassem das mesmas coisas. Lá conheci pessoas fazendo cosplays e me encantei. Quando estou de cosplay é como se estivesse tirando todos os receios e medos de conversar com pessoas novas. Aprendi a ser mais livre por conta do cosplay e de tudo que já me proporcionou. Todas as amizades que fiz é porque alguém gostou do cosplay e veio conversar. (...) Isso me aproximou mais da minha mãe que hoje em dia é quem me ajuda a fazer as roupas”**

Pelo fato de ser mulher, sua vivência dentro do ambiente otaku, que observando de longe parece inofensivo, mas que em sua superfície aflora muita toxicidade, principalmente direcionada ao sexo feminino, Juliana conta mais sobre péssimos momentos que passou por conta disso:

**“Já passei por diversas situações: caras falando que meninas que fazem cosplays são vagabundas ou reclamando quando a roupa da cosplayer é muito “coberta”. Deles questionando se já havia visto o anime mesmo, que escolhi a personagem para aparecer. Se você fala que gosta de alguma anime/mangá que é mais comum garotos gostarem eles já afirmam que você está mentindo e perguntam muitas coisas da obra para confirmar se você realmente viu. São várias e várias situações”**

Para discutir mais sobre esse tema, foi conversado com a doutora em educação e professora da UFPI em artes visuais, Pollyana Jericó, sobre qual a legitimidade artística que essa prática possui, tendo feito essa pergunta para tentar ver essa prática como mais do que se vestir como um personagem fictício. Assim, ela inicialmente explicou como essa influência oriental chegou ao Brasil:

**“O cosplay se trata de uma onda de influência oriental. No século XIX teve o japonismo que influenciou o impressionismo. E de lá pra cá com a**



Juliane Ferreira como Uraraka  
Ochako de My hero academia

**divulgação (da cultura japonesa) e as pessoas admirarem muito os mangás e os animes essa influência nipônica se tornou mais forte. E não só a nipônica. A coreana também. (...). Eu digo que o cosplay é arte sim. É uma arte que não é muito barata; é uma arte cara.”**

Para minha surpresa a professora já acompanhou uma aluna que começou

na cultura cosplay a pouco a tempo, ainda na época da pandemia como forma de melhorar sua saúde mental.

**“Essa pessoa que eu acompanhei entrou para o universo dos cosplays por conta da pandemia. Ela disse que iria enlouquecer, mas não enlouqueceu. O cosplay foi uma espécie de reinvenção de si através desses personagens que ela apreciava”**

Então, o que podemos perceber observando esses relatos é que a arte de se caracterizar como um personagem de anime, ou de filme ou de jogos é mais do que se caracterizar como um personagem de anime ou de filme ou de jogos; é uma forma de participar de algo, de pertencer a algo,

de se identificar com algo e através disso reconhecer outras pessoas que tem tanto amor aquilo que essa pessoa ama quanto ela própria. Envolve mais do que dinheiro, tecido e conhecimento sobre cultura Pop; envolve o que somos e o que gostamos e por isso é uma arte, por que como a professora Pollyana também falou: arte é aquilo que se propõe ser arte.”.



## Cavalo Piancó: passos de história e tradição

Por Yara Pereira e Juliene Santos

**P**iauí, terra querida, a ti pertence a nossa vida, nosso sonho, nosso amor, nossas tradições e nosso encanto.

Fim de tarde, um arraial bem decorado com bandeirolas coloridas, homens e mulheres em círculo imitam o trote desajeitado de um cavalo manco, em passos rápidos ou lentos, de acordo com o som da sanfona e palmas, harmonicamente arranjado com os versos criados de última hora ou ensaiados. É assim que imaginamos uma típica apresentação do Cavalo Piancó. A música mais famosa da dança, diz que este atrativo cavalo é bonito pra vadiar, corre e

é elegante, mesmo manco. Originária da Antiga Vila de São Gonçalo, a Cidade de Amarante é berço para esta forte manifestação cultural, genuinamente piauiense.

Com alegria na fala e um brilho no olhar, a professora de dança Stepanne Fernandes explica, com muito amor, como acontece o Cavalo Piancó: “é uma dança rica, com ritmos diferentes. Pode ser dançada em círculos e com passos que imitam o cavalo manco, por isso que é uma dança bem divertida e também engraçada. Durante a dança, os pares vão trocando e o compasso também muda, alternando entre passos e pisadas, que

são bastante firmes no chão.”

Outras cidades do estado relembram a antiga dança de criança, que virou dança popular. De maneira alegre e colorida, durante o mês de junho, crianças, jovens e adultos dançam para homenagear santos juninos e agradecer as colheitas e plantações. Nos primórdios da dança, ainda à beira dos rios Parnaíba, Canindé e Mulato, era também uma maneira divertida de espantar o sono e ficar de olho nas valiosas plantações.

Que nós sabemos que o Cavalo Piancó é simples e pura cultura, isso não é surpresa. A data exata de como tudo começou não se tem ao certo, mas uma coisa que perdura até os dias de hoje é que a cultura não pode ser apagada ou substituída.

Sabe o filme piauiense “Ai, que vida!”? A personagem Charlene, que presta serviço voluntário no Centro de Criatividade Casinha de Taipa como professora de dança, ensina a tradicional dança às crianças, para o esperado “Festival de Danças Folclóricas de Poço Fundo”. É de encher os olhos ver toda a animação da garotada para a apresentação. O mesmo aconteceu no festival junino de uma escola particular em Teresina, em junho de 2022. A empolgação em mostrar o que haviam aprendido e toda a rica cultura de nosso estado, contagiou todos que prestigiaram as apresentações. Entre todas as encenações, é bonito de ver a entoação nas cantigas e a habilidade da dança, mesmo parecendo desorganizada, sendo essa a intenção.



Foto: Susana Pierote.



Pensar no Piencó é pensar em festividade, é pensar em alegria mesmo em meio às dificuldades. É olhar para as crianças que estão no meio da dança e saber que aquilo irá perpetuar, pois a garra e animação de todos é incomparável.

Sabendo da sua importância para a identidade de um povo, uma pergunta simples à assessora da rede de Cultura e membro da Academia de Artes, Letras e Cultura de Amarante, Sônia Setúbal, a fez lembrar grandes momentos realizados na cidade e resumir um pouco a história da dança, história essa que continua sendo contada até hoje: “é uma dança genuinamente amarantina.

A gente não sabe quando começou, mas sabe que foi criada por pescadores nas margens do Rio Canindé, quando eles iam pescar e ficavam ali cantando e dançando como o cavalo. [...] O melhor para dançar é chinelo ou então tamanco, ‘pra’ fazer barulho. Antigamente se dançava com roupa mais simples, hoje já são mais coloridas. [...] Geralmente quem dança são crianças e jovens, mas há grupos de idosos que também dançam. [...] Uma dança muito bonita, que eu não sei cantar mas admiro quando ‘tão’ cantando...”

O professor de dança, bailarino, coreógrafo e ator Valdemar, ou Negro Val, como é popularmente conhecido,

conheceu e atuou na dança do Cavalo Piencó por volta da década de 90 e este contato fortalece seu trabalho até hoje. Com o objetivo de manter viva a tradição, o artista explica as ações idealizadas e projetos aprovados, para a comunidade mais jovem — “Eu senti falta dessa representatividade por bastante tempo. Amarante ficou esquecida e, por quase, duas décadas ficou sem realizar o cavalo Piencó, sem ter um grupo que realmente representasse. Depois disso, no ano passado, quando Amarante fazia 151 anos de emancipação, nós aprovamos um projeto no SIEC (Sistema de Incentivo à Educação e Cultura), onde se destinava à realização de musical que exaltasse a cultura

e história de Amarante. E aí nós fizemos uma releitura do Cavalo Piencó e apresentamos jovens estudantes da cidade. E eu tenho feito ações assim, eu estou desenvolvendo aulas de dança na região central e comunidades aqui de Amarante. [...] Então, acredito que as ações estão sendo no sentido de fazer com que as gerações atuais conheçam, pratiquem e mantenham essa tradição. E assim, trabalhar com o tradicional em uma geração que é mais tecnológica, a gente faz uma releitura, com adaptações. E se inspirado na coreografia original, modificamos algumas sequências e, com essa liberdade poética, também tentamos manter todo respeito com a tradição. Não é sobre desfazê-la, mas é

Foto: Vince.



sobre encontrar formas de manter essa tradição viva.”

A participação das crianças e jovens faz com que admiremos ainda mais o conceito e criação da encenação, sabendo que o incentivo para a eternização e legado da dança permanecerá por muitas gerações, na vivência do povo amarantino.

E para que tenhamos noção da importância da dança para o nosso estado, o grupo “Palavra Cantada” fez um trabalho incrível de pesquisa folclórica, resgatando cantigas de roda populares no país, e a música que representou o nosso estado foi a do Cavalo Piancó.

Eu, que nunca tinha ouvido falar desta dança confesso que, por um momento, achei que seria apenas mais uma dança típica e com as mesmas finalidades. Acredito agora que a finalidade não seja apenas contar uma história, mas repassar durante as gerações que sucedem,

este conhecimento e esta cultura, que não recebe o seu devido valor.

O Cavalo Piancó para mim, conta não só sobre festividades e com certeza, vai além de apenas uma dança “espontânea”, onde os movimentos por um segundo, parecem desorganizados. Essa é a intenção, agora eu sei. E fiquei admirada. Admirada por saber o seu histórico, por ver o interesse de tanta gente em representar um povo, uma cultura, por saber que o Cavalo representa tanta gente.

De manco, é o que a maioria deve achar do piauiense, mas entrando na sua história se vê um povo astuto, de garra, que luta bravamente pelo que quer e protege aquilo que está ao seu alcance. Este é o Cavalo Piancó; este é o piauiense, e tenho agora um imenso respeito e admiração pela sua história, que vai além de uma dança.”

# RODA PUNK À LÁ ESTAIADA.

**Rebeca Louise  
e  
Bárbara Memória**

Apresentação da banda Radiofônicos

**Q** festival de rock gratuito, soube imediatamente que precisava ir. Os eventos de rock na cidade não eram poucos, mas a notícia não costumava se espalhar para todos os públicos e, normalmente, encontramos mais rostos familiares do que desconhecidos. Sabe quando você pega o mesmo ônibus todos os dias, no mesmo horário, com as mesmas pessoas? É parecido. Então, como boa integrante dessa bolha cultural a qual pertencço, convidei alguns amigos para curtirmos o show juntos.

O Rock na Ponthe aconteceria em dois dias, com o apoio da prefeitura por meio da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. De acordo com Ênio Portela, presidente da fundação, Teresina conta com um grande público admirador do rock e que por isso, a pasta da cultura resolveu presentear a cidade com esses dois dias de evento. Além de ser uma comemoração à altura ao Dia Mundial do Rock (13 de julho), o festival contava com o apoio do público para arrecadar alimentos e haver grandes doações a famílias carentes. Já é uma atitude que vem das

edições anteriores, com um histórico excelente em arrecadações (chegando às 6 toneladas de alimento). Esse é o poder do Rock n' Roll teresinense.

**“O Dia Mundial do Rock é uma data que não poderia passar em branco no calendário cultural da cidade, por isso planejamos essa grande festa para celebrar essa data tão especial para os amantes do rock.”**

**- Ênio Portela**

As luzes da ponte alternavam entre rosa e vermelho quando chegamos. Confesso que a expectativa era grande e eu podia até sentir aquela famosa ansiedade pré-show. “Nossa, quanta gente!” exclamou uma amiga que estava comigo, os olhos brilhando ao ver aquele mar de gente vestindo preto. Ela é uma das únicas do nosso grupinho que nunca tinha ido a um show desses, e tinha razão: tinha mais gente do que estávamos acostumados a ver.

A música já nos dava as boas-vindas desde o estacionamento, do outro lado da Raul Lopes, ecoando por entre as árvores do bosque da

Ponte Estaiada. Aquele som animado, eufórico e de muitas vozes tinha nome: Radiofônicos. Por mais que eu tentasse, não consegui me recordar de nada relacionado à banda, mas me encantei com a animação e harmonia entre acordes e vozes em cima do palco. Mais uma vez, a sensação de esperar o inesperado e ficar contente por isso tomou conta de mim.

Haviam (surpreendentemente muitas) crianças em meio à multidão, balançando a cabeça no mesmo pique dos avôs que as acompanhavam, incorporando a experiência do Rock n' Roll ao máximo. Famílias se curtindo, amigos rindo, cantando e tomando uma boa cerveja gelada. Cada solo de guitarra, cada grave, cada melisma – a música e o emocional da plateia formaram um. A felicidade era contagiante; é sempre incrível presenciar as barreiras que o rock ultrapassa.

Naquele momento eu pude sentir o quanto essa iniciativa era importante e válida para todos nós, para toda aquela tribo que se identificava e se sentia parte daquilo. A Radiofônicos

encerrava seu show e decidiu fazer diferente: em um festival de rock eles decidiram encerrar com um forró pé de serra. Animado, o vocalista bradou: “acima do Rock nós somos todos Nordestinos”.

Uma jogada ousada, louvável, mas a percepção do público não foi como esperado. Claro, houveram muitos que se deixaram levar pela regionalidade. O forró do sangue falou alto e começaram a dançar ao hit da banda, mas a maior parte da plateia se vê descontente. A “cara feia” durou pouco, pois logo entrou a próxima banda.

De todas as bandas escaladas para os dois dias de festival, Rebordosa foi a única a ter uma mulher integrante. A gente sabe que a representatividade feminina em um espaço como esse é alvo de discussões até hoje. Se pararmos para pensar, a maior parte das bandas (locais ou não) de rock é em suma composta por homens. Então, quando vejo uma única mulher compondo o setlist, especialmente quando ela é lead singer, a mãozinha da militância bate à porta pedindo

para entrar.

O relatório da União Brasileira de Compositores, “Por Elas Que Fazem A Música”, de 2021, mostra que desde a elaboração da primeira edição do levantamento em 2018, o aumento do número de mulheres associadas foi de 68%. Mas, apesar da crescente integração das mulheres no mercado musical, o sistema machista ainda reflete no segmento. Ao mesmo tempo em que houve a expansão quantitativa de mulheres na música, a pesquisa da UBC também revela que quase 80% das entrevistadas afirmam ter sofrido algum tipo de discriminação, desde a subestimação da capacidade até a objetificação do corpo.

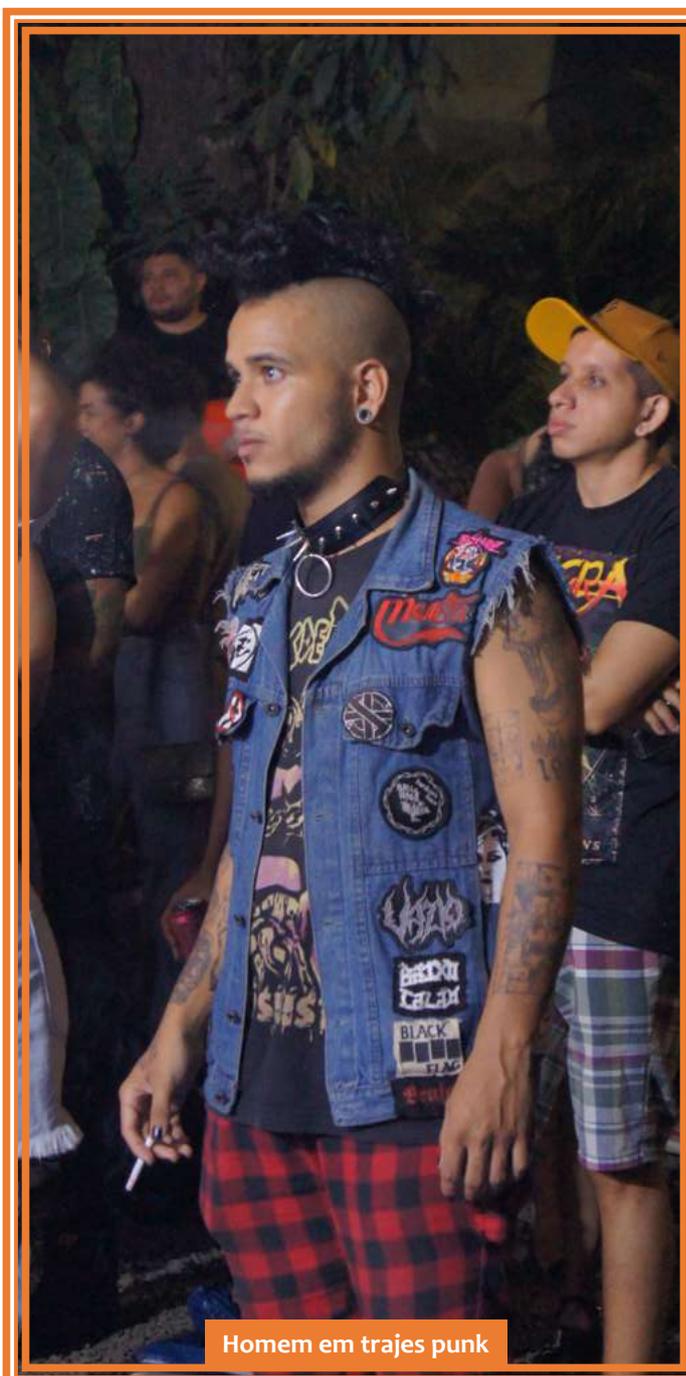
A importância da representatividade ao evento foi inegável, e elevou o nível com seu talento. As mulheres da plateia se juntaram a ela no pé do palco e vibraram a cada canção, como se estivessem enfeitiçadas – meras marionetes. Onda sonora tomando rumo e encantando o público, como se ventania fosse. A música substituiu a razão e as domaram.

A última apresentação foi da Made in Seattle, composta por excelentes músicos que gostam tanto de Nirvana a ponto de fundar uma banda tributo. Um dos shows mais aguardados da noite, a banda arrancou da plateia o coro punk que veio buscar. Estar em meio de tantas pessoas que cantavam os sucessos de Kurt Cobain trouxe aquela sensação gostosa, como quando você chega em casa depois de um bom tempo fora. Freitas, o vocalista, é um conhecido de longa data, e comentou comigo o quanto estava feliz com o show.

**“Eu acho isso uma importância para a cidade, para o Estado como um todo, fomentar a cultura local, fomentar o meio artístico que é muito carente. A gente sofre muito, quem trabalha nesse meio sabe como é difícil ter os olhos do público, ter a oportunidade de palco, ter onde tocar de forma que você pode estar ali, oferecendo para o público a oportunidade de ver bandas de qualidade sem pagar nada com a estrutura boa.**

**“A banda já tem mais dez anos entre idas e voltas e nessa nova formação**

**estamos fazendo um ano e esse recomeço e vai ficar na memória! Todo mundo ficou muito feliz, fomos muito bem tratados, a estrutura estava maravilhosa. Isso é o poder público dando chance para que a gente esteja em grandes palcos e que as pessoas de todas as classes sociais possam estar perto do artista.”**



Homem em trajes punk

Essa amiga que não tinha costume de frequentar espaços que o rock alcança aqui em Teresina estava maravilhada. E tomou um bom choque cultural. Por mais que estivesse ansiosa para ver o show, tinham avisado a ela que poderia ser perigoso – por ser gratuito, ter muita gente, ser perto da mata. Mas eu sabia que não era apenas isso. Como mencionei, o espaço do Rock na cidade era uma entre diversas bolhas culturais; quebrar a barreira entre uma e outra é complicado, especialmente quando falamos de

preconceito. Ela havia me dito que seu namorado enfatizou além do necessário para que tomasse cuidado com assaltos, assédios e violência no geral.

Não é engraçado o quanto associam a imagem do metal à violência? Pessoas de mente fechada ao ver as mesmas pessoas (de preto, cabelo colorido, coletes de couro com emblemas punk) que vimos ao seguir para mais perto do palco se tremeriam de medo. Comentariam como estão adorando o Anticristo e sua horda demoníaca e outras besteiras. Mas o que eu sempre vi foram pessoas que se expressam sem medo (moda é isso também), bem-educadas e que estavam curtindo um bom som.

Sempre veem o roqueiro com um rebelde. Tudo que envolve revolta, manifestos e protestos é encarado historicamente como “rebeldia”; os eventos que deveriam ser considerados guerras civis, são citados como uma grande revolta feito por abomináveis e selvagens rebeldes. Uma vez que o “rebelde” é algo ruim, as pessoas automaticamente têm medo daqueles



Apresentação da banda Rebordosa

que agem como tal. Enfim, os padrões sociais.

Freitas, durante a apresentação, foi chamado a atenção pela plateia. Estavam em seguida lhe entregando um cordão de ouro, achado caído ao chão, para que pudesse pedir ao dono que o pegasse de volta com a produção. É muito sobre parceria. Até a roda punk (todo show de rock tem uma) que se formou perto do palco reflete isso.

Meu amigo Igor vai aos shows de rock sempre que pode. Para ele, poder participar de um evento como esse é gratificante, especialmente pelo fato de curtir as suas músicas favoritas com tanta organização e segurança garantidas pela produção.

**“Esse evento foi muito bom, muito organizado, principalmente porque muitas pessoas não podem pagar o couvert nos locais privados que tem esse tipo de evento. Eu acredito que tem muita gente que gosta e o cenário é muito forte, mas como falei, acho que as pessoas só não vão mais por não ter tantos eventos públicos.”**

Discutimos enquanto esperávamos atendimento no Drive-Thru sobre a segurança e limpeza do evento. A todo momento passavam pessoas recolhendo o lixo, e nos fizemos o seguinte questionamento “Seria assim por ser algo raro, esses shows? Pelo preconceito já existente das pessoas com este tipo de evento, então a organização faz de tudo para que não existam mais motivos para que julguem? Ainda não sei. Mas mal posso esperar para ir ao próximo show.



# o ato de Festejar

Por Glenda Muryelle



Festejo de Nossa Senhora do Livramento. Fotos: Instagram/Prefeitura de José de Freitas.

“Festejos” é o ato de celebrar uma data marcante, indo da comemoração do dia de aniversário de meu irmão até uma data histórica. Na minha cidade José de Freitas, localizada próxima a Capital do Piauí, todos os anos é festejado o dia de Nossa Senhora do Livramento, Padroeira da Cidade. Mas afinal, o que está por traz de um simples Festejo?

Ora, de “simples Festejo”, não tem nada. São 10 dias de fé, devoção, comemorações e cultura. Sim, cultura! A solenidade de Nossa Senhora do Livramento faz parte da cultura local, tanto para católicos como para não católicos. Assim como a cantora MC Loma cantou em sua música “Envolvimento”, de fato é um envolvimento diferente por inteiro entre os habitantes e o evento que vai além da promoção espiritual, ela também favorece a economia local e traz diversos aspectos culturais, antes e durante da dezena e que são repassadas de geração para geração Freitense.

Para iniciar, engana-se quem pensa que o Festejo inicia em agosto. Ele culturalmente começa quando os moradores da cidade vão em busca de comprar suas roupas novas em Julho. Sim, é comum na cidade que a população compre vestes novas, arrumem o cabelo para quando chegar o dia da festividade estejam todos aplumados para mostrar para as outras pessoas que se prepararam para essa data e escutar de seus amigos, “Hum, roupa nova né! ”. Os comerciantes que irão colocar bar-

raquinhas de palha nos arredores da Igreja Matriz também se preparam antes, seja com a mercadoria que deve ser comprada ou com as palhas que são retiradas nas comunidades rurais do Município para montar a quermesse.

Quando as Novenas se inicia, dentro da Igreja e o seu pátio fica lotado de devotos apaixonados. Alguns sentados, outros permanecem em pé, alguns trazem seus banquinhos de casa para não ficar em pé e tem os que chegam bem antes do início para não correr o perigo de ficar em um local ruim para participar da celebração católica. Nos arredores da Igreja Matriz, localiza-se as barraquinhas de palha em que possuem mesas para os clientes. Ah, lá tem para vender uma variedade de comidas e bebidas, além de músicas. Essa que só é ligada quando acaba a Novena. Logo no final da Igreja tem o Parque de diversão. E no meio de todo esse cenário, vendedores ambulantes perambulam de um lado para o outro com suas mercadorias para vender. Principalmente balões de ar enormes, em que as crianças logo ficam entusiasmadas para comprar.

É cultural para os católicos da cidade ir ao menos uma vez acompanhar a Novena, e se não for deve ser por algum motivo de força maior. Muitos utilizam desses 10 dias para pagarem promessas que foram concedidas e vão vestidos de roupas brancas. É o caso da Dona Ana, uma senhora de 72 anos e que todos os anos participa da celebração religiosa, “Todos os anos e todos os dias, até



Festejo de Nossa Senhora do Livramento. Fotos: Instagram/Prefeitura de José de Freitas.

quando eu puder e for viva vou vir participa. Venho desde os meus 14 anos, mas está com uns 20 anos que pago uma promessa de uma graça que me concedida e desde então venho todos os dias e vestida de branco, depois vou comer e beber algo nas barraquinhas e em alguns dias participo do leilão que tem”, explica a Senhora.

Nas redondezas, depois que a Novena termina, pode se ter a impressão que está havendo um show em cada barraca de palha devido as músicas em alto som ou com os paredões que jovens levam para a Praça Central. Observa-se famílias e amigos conversando em mesas ou em pés, crianças correndo ou comendo, e jovens e adolescentes an-

dando de um lado para outro. Ah, vai saber o que estão aprontando. A estudante de 16 anos, Julia Beatriz explica como são suas noites no festejo. “Bem, eu não participo das Novenas, gosto de ir para vê os meus amigos, andar no parque, ficar com algum esquema. Também é bom ir para tirar fotos e colocar nas redes sociais, venho quase todos os dias”, finaliza a jovem.

Tem um dia especial, que é voltado para os Vaqueiros da cidade e zona rural, a famigerada Noite dos Vaqueiros. Afinal, quem é o Freitense que não conhece a Noite do Vaqueiro? Todos sabem o que acontece na cidade o dia inteiro, são desfiles e mais desfiles de homens, mulheres e crianças vestidos

com roupas de gibão na cor marrom e utilizando chapéu de couro em cima de cavalos. Nossa, a cidade fica inteira com fezes e mijos do animal. Nesse dia, os Vaqueiros vêm para a Zona Urbana e tomam café oferecido pela prefeitura. Logo depois vão para a Igreja para que o Padre jogue água benta neles e nos seus animais. Pelo dia tem eventos de Vaquejadas e “Pega de Boi” valendo dinheiro. Pela noite, a Novena é oferecida para eles, e que participam e alguns levam seus cavalos e depois tem um gigantesco leilão com itens que eles trazem dos seus interiores. Muitos “vaqueirinhos” aproveitam para andar no parque, como é o caso do Francisco Rafael de 9 anos, “Essa já é o 2º ano que venho, passo o dia com meus pais e tios, mas quando chega a noite eu aproveito para andar em todos os brinquedos que posso”, explica o menino.

O que dizer do parque? Bom, todos querem andar, desde a menor criança até as pessoas de mais idade. Em qualquer momento que você passe por duas ou mais pessoas que estejam conversando

e uma delas for uma criança, pode ter certeza que ela está escutando bronca por que quer andar mais e mais, e os pais ou responsáveis tentam explicar que o ingresso está 5 reais e 5 reais é dinheiro demais. Nas filas para entrar nos brinquedos, pode ser observado a euforia das pessoas que estão ansiosos para chegar sua vez. E já dentro dos brinquedos só se observa risos e gargalhadas. Mentira, em alguns casos é apenas medo e pavor por se arrependeram de terem entrado no brinquedo.

Não tem como negar que essa é uma cultura secular, que faz parte de gerações e gerações de Freitense e que se deve pendurar por mais e mais tempo. O Festejo de Nossa Senhora do Livramento traz com si todo um movimento que abrange a população. Seja participando das Novenas, indo ao Parque ou apenas indo nas barraquinhas tomar uma cerveja. Pode parecer “bobagem”, se vista por pessoas de fora, mas a população de José de Freitas vivencia 10 dias de grande importância. Tanto para a fé como para a economia local.

# Olhares da recepção: A perspectiva crítica cinematográfica sob o olhar de dois amigos.

**Nathan Rangell e Caio Henrico**

O cinema é uma dádiva da arte que nos foi presenteada somente a partir do século 20. No entanto, veio se expandindo desde o início, estabelecendo-se de vez como a sétima arte. Depois, passou a criar diversos gêneros e também a ter mais de um objetivo, desde mostrar uma obra mais profunda e puramente artística até algo totalmente comercial.

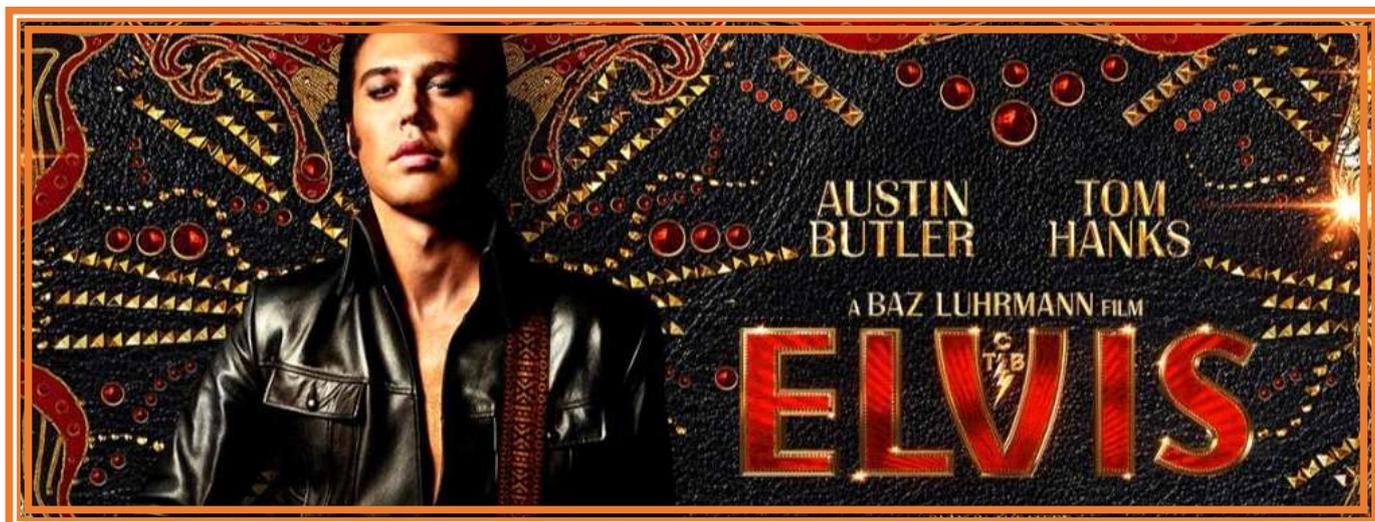
Por amor a esta arte, eu, que nesse momento escrevo esse texto, e meu amigo e parceiro, decidimos assistir obras distintas e de gêneros distintos para fazer análises com perspectivas diferentes e assim ver no

que as nossas perspectivas se igualam e qual seria a média de qualidade que os filmes analisados poderiam ter para serem classificados entre bons, ruins ou medianos.

Assim, decidimos começar vendo um filme do momento, da famosa Marvel estúdios, o filme “Thor amor e trovão”, um clássico filme de ação e comédia de super-heróis. Infelizmente, enquanto estava acompanhando o filme minuto a minuto em tela, absorvendo a trilha sonora tão boa, me decepcionava cada vez mais com o nível do filme em si. Nem mesmo a pipoca com manteiga tão gostosa, que

devo observar, é uma das maravilhas que o cinema concedeu, afinal, quem não se sente em paz no escuro do cinema com uma boa pipoca e um bom refrigerante? Pois bem, nem mesmo assim, consegui ignorar o “pastelão” forçado, que fez a qualidade do filme ser medíocre, com um vilão mal desenvolvido e superficial e com poucos momentos realmente marcantes. Meu parceiro Rangell ainda faz a ressalva de que a ordem de acontecimentos é muito apoiada no humor e na música. A estética, por outro lado, é tão apressada que simplesmente não se ligou muito ao todo. Nisso, tanto meu veredito quanto o dele é que o filme é só um filme mediano, que serve apenas de passatempo. Queríamos algo épico, mas, infelizmente, cada vez mais, parece que filmes assim, da Marvel, morreram após “Vingadores ultimato”.

E já que música e estética foram citadas, porque não falarmos em um filme que realmente aproveitou-se bem disso, até pelo fato de ser baseado em alguém que vivia nesse mundo. Aqui se fala de “Elvis”, filme de drama biográfico que tivemos o prazer de assistir em sua estréia. Diferente do filme anterior, que conseguiu ser considerado apenas medíocre por esses dois críticos que o assistiram, este obteve efeito inverso, tendo conquistado o gosto de ambos. O fato do filme ter retratado de maneira tão intimista e detalhada a vida do glorioso cantor Elvis Presley, e, ainda por cima pela perspectiva de seu empresário (que diga-se de passagem foi brilhantemente interpretado pelo grande ator Tom Hanks). Sim, sob a mágica da tela, escutando a voz do rei do rock flutuando pela sala, posso dizer que meus ouvidos flutuaram



junto, de uma maneira simbiótica até. Sim, quisera eu estar lá, ao vivo, assistindo ao show do grandioso Elvis Presley e, assim, me embriagar com sua voz. E, aonde eu apenas flutuei, meu amigo e parceiro Rangell foi mais além. Ao olhar para ele, percebi que estava cantando junto com a música. Pelas próprias palavras dele: “tornei-me parte da própria platéia, no filme retratada. Eu estava lá escutando Elvis, impossível não cantar junto com ele”. Sim, esse foi o nível que o filme nos alcançou. Cada minuto ali sentado na sala escura do cinema, senti eu,

que valia a pena sempre que a voz do rei começava e tomar conta de todo o ambiente. Outro ponto forte que o filme possui é de como demonstra de maneira crua e sincera o abuso de Elvis nas drogas, deixando até uma sensação de angústia e criando um certo medo pela vida do cantor. Um medo, que, infelizmente, se sabe que acabou se tornando uma fatídica realidade. Porém, ainda assim, mesmo vendo o fim da vida de Elvis com o fim do filme, meu coração apenas pulsa fortemente, pois o rei ainda vive imortalizado em cada fã, eu posso afirmar veementemente. Sim, esse filme foi bom de verdade no meu ponto de vista, e foi além disso no olhar do meu parceiro, tendo considerado o mesmo como muito bom.

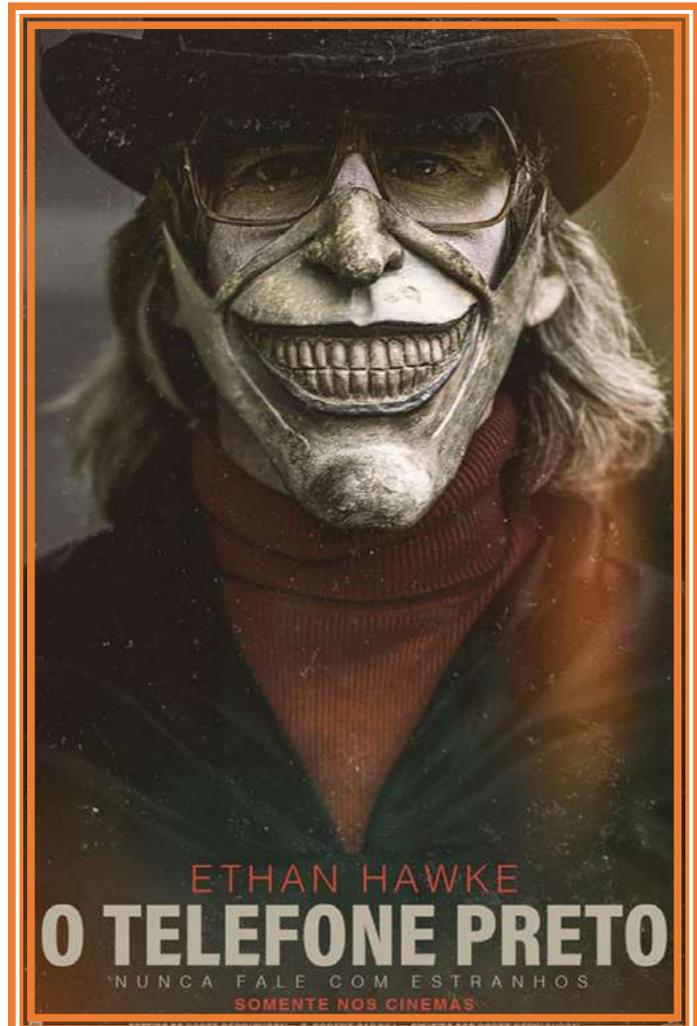
Como o medo agora a pouco foi lembrado, vamos entrar um pouco mais nesse tema. Afinal, o próximo filme que analisamos foi um terror, um que posso afirmar ter alta qualidade, o filme “Telefone preto”. Hoje em dia, é raro um filme de terror ser mesmo bom. A maioria, não passa de um filme genérico. Esse, no entanto, tem de fato qualidades que o leva além disso.



Foi capaz de prender minha atenção do começo ao fim. Antes mesmo do filme começar, já estávamos impressionados. Ao passo que a sessão de “Thor amor e trovão” que assistimos estava com um número razoável de pessoas, a sessão de “Elvis” só tinham eu com meu amigo e mais uns três espectadores, essa estava completamente lotada. O que pode-se deduzir então? Pelo visto o ser humano gosta de sentir medo. É isso que esse filme, de fato, conseguiu provocar em muitos dentro do cinema, incluindo meu amigo. Eu não me assustei, pois jamais me assusto com ficção, mas, isso não diminui a qualidade do filme. A maneira que abordaram o sobrenatural e o real no filme e o próprio vilão, que cumpre tão bem seu papel que é capaz de despertar raiva no espectador e fazê-lo deleitar-se ao ver o mesmo, enfim, se dar mal. Sim, falo pelo que eu mesmo senti, pois vendo a cena que o vilão desse ótimo filme, enfim encontra o seu destino, não nego que me deleitei em cada segundo. Simplesmente revigorante. E apesar de já estar sentindo medo de cada cena repentina que surgia, meu amigo não conseguia tirar os olhos da tela, e, pelas suas próprias palavras:

“o bom é a adrenalina de sentir o medo. Ali, no escuro, vendo o filme sem saber a hora que a perspectiva vai mudar e chegará um susto repentino. Isso é o que nos cativa no terror”. De fato, o medo cativa, talvez não tanto a mim que apenas sorri em cada dito susto, mas ainda assim, é cativante. É com toda certeza um filme que merece ser considerado como muito bom, por mim. Ainda que apenas bom, pelo meu parceiro.

Nossa caminhada cinematográfica estava finalmente

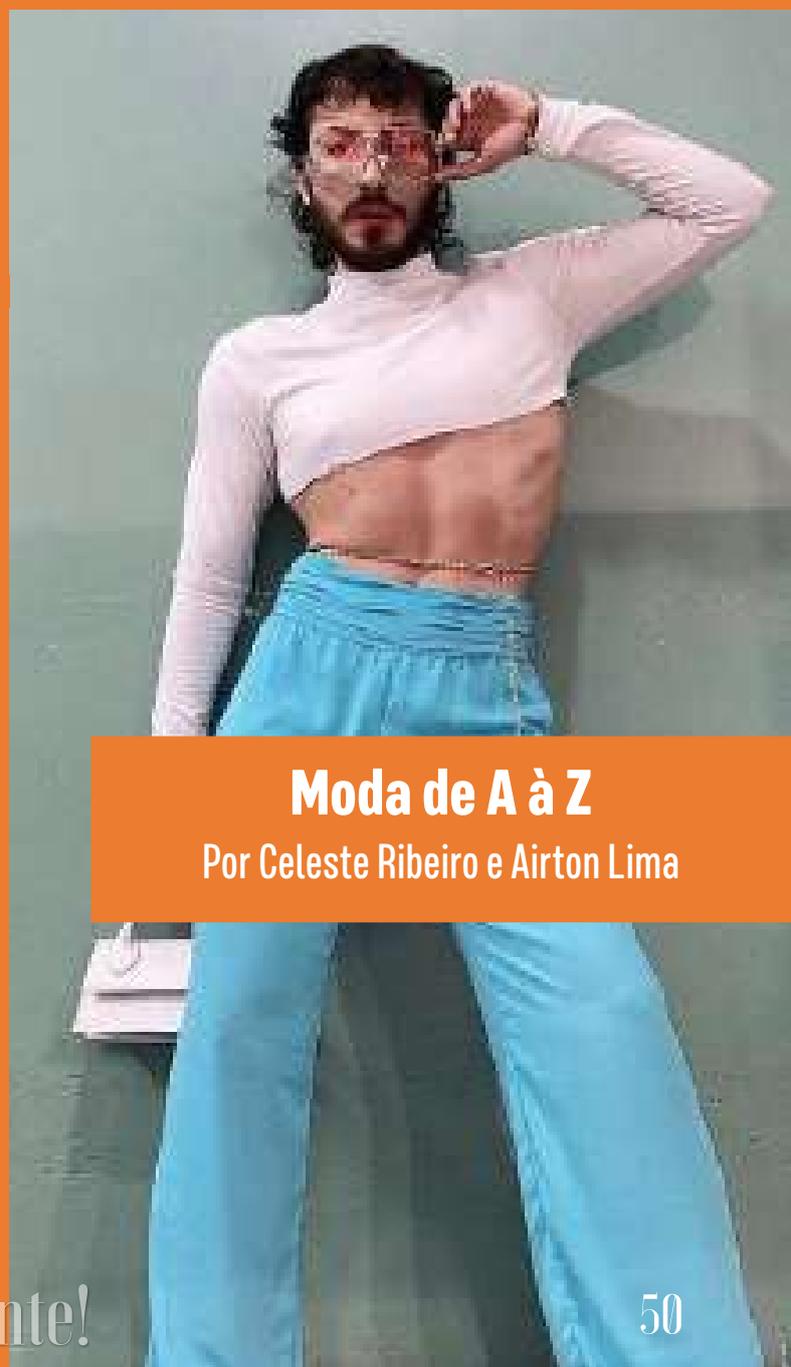


perto de seu fim. Restou apenas um filme para fechar a conta de filmes que decidimos assistir e falar sobre. Então, já que vimos um “for family”, um drama e um terror, só nos restou uma escolha óbvia: uma ação desenfreada. Muito gratificante e oportuno, um filme perfeito estava em cartaz para tal escolha, “Trem Bala”, estrelado pelo grandioso ator Brad Pitt. Admito que não esperava algo muito grandioso, além de um filme comum de ação desenfreada, mas posso dizer que me surpreendi. Eu praticamente me senti dentro daquele trem bala. Sim, um trem repleto de assassinos de aluguel com brigas e tiroteios rolando solto em vários momentos e eu, calmamente, sentado em uma cadeira do trem, aproveitando a vista, passando a mais de 150 km/h, sentindo a brisa e escutando tiroteio, pancadaria e ação

sem parar. Que viagem boa eu tive! Recomendo a todos viajarem nesse trem, assim como eu fiz. Meu bom parceiro concorda plenamente comigo e, segundo ele, queria ir além e entrar no meio da pancadaria. Porém, tive o bom senso de lembrá-lo, que se fosse ele, seria o primeiro a morrer. Melhor, apenas assistirmos de camarote, dentro do trem e apreciarmos o bom espetáculo. Sim, a estação que descemos do trem bala foi certamente a da completa satisfação.

Diante do exposto, estou convencido que cinema é, sem dúvida alguma, uma das maiores conquistas da humanidade. E nessa curta experiência que eu e meu amigo vivemos, só podemos reforçar que o cinema ser considerado a sétima arte é mais que merecido.





## Moda de A à Z

Por Celeste Ribeiro e Airton Lima

Fotos: Arquivo pessoal.

Consigo lembrar claramente de minha mãe contando sobre como eram marginalizadas e encaradas como erradas as pessoas que minimamente usavam acessórios que não fossem do seu gênero, isso devido a saias, shorts, bermudas, maquiagens, acessórios, e muitos outros elementos que são associados para muitas pessoas a conceitos de “masculino” e “feminino”.

Andando pelos corredores lotados de um shopping da capital e com esse pensamento pairando na mente a alguns dias, fiquei pensando como cada vez mais as pessoas estão se desprendendo destes paradigmas. Continuei com esse pensamento e passei a observar com um pouco mais de atenção às pessoas em volta. a cada corredor que virava, e cada pessoa que passava, de diferentes estilos e idades, é perceptível que a ‘moda’ e as pessoas mudaram, meninas vestindo trajes que normalmente seriam para o público masculino, e da mesma forma meninos usando unhas e alongamentos livremente, coisa que a uns tempos atrás dificilmente seria visto.

É claro que essa forma de se vestir e se expressar está ligada a uma nova geração cada vez menos conservadora, que com ela se populariza um conceito que trata, respeita e se adequa à subjetividade de cada, a *moda sem gênero ou genderless*.

Conversei com um amigo e produtor de moda David Lutasi, que sempre traz

esses aspectos da moda sem gênero em suas produções, sejam pessoais ou de seus clientes, ao falar sobre o tema ele prontamente me convidou a acompanhá-lo em um dia de produção e conferir de perto o passo-a-passo de suas produções.

Marcamos o dia e lá estava, aguardando ansiosa e atenta a cada detalhe. O início de toda a produção se dá ainda na sua residência, quando começa a separar e pensar em cada peça e acessório que será utilizado. Durante todo o dia de produção, entre trocas de roupas, maquiagem e muita correria, fui percebendo de que forma poderia usar aquelas peças em meu dia-a-dia, como a sobreposição de um blazer com um corte mais “masculinizado” ou até mesmo o uso do conhecido cropped, pode ser usado sem pudor por homens. Vendo a forma que David montava e combinava as peças, quebrando totalmente este conceito de peças femininas e masculinas, não conseguia deixar de pensar em que momento essa forma de se vestir surgiu em sua vida, e ele me falou que é algo que sempre foi presente desde a infância, “Sempre gostei de experimentar com moda e me divertir com arte, mas quando eu fui amadurecendo e me conhecendo como pessoa que essa forma se tornou ainda mais presente e fui **me sentindo mais livre.**”

Continuei a observar, as trocas de peças, os jogos de iluminação, posições e ângulos e todo o processo de criação no estúdio e o questioneei se para ele a

moda sem gênero era algo que iria perpetuar na moda “Eu acredito que não será algo perpétuo, mas que sim veremos alguns elementos dessa moda caminhando com a gente por um longo período. Assim como eu acredito que as mulheres nunca mais vão deixar de usar calças, eu acredito que muitos elementos da moda agênero irão seguir por tempos e tempos.”

**Mas porque não irá se perpetuar?** Esse foi o questionamento que fiz, já que baseado no que eu vinha observando eu tinha uma outra perspectiva, “É uma tendência que está em alta, mas assim como aconteceu em Nova York nos anos 1980 com o surto da AIDS, **o mundo externo pode influenciar para essa tendência mudar.**” ele então prosseguiu falando sobre o impacto do mundo no que vem a se tornar tendência e me contou um fato que me surpreendeu e eu particularmente não tinha conhecimento, “Em Nova York, na década de 80, os homossexuais da época eram bem libertos, se vestiam de maneira livre. Entretanto, após o surto da Aids que durante muito tempo foi associado a gays, fez com que os homossexuais da época mudassem sua maneira de se vestir, para vestir-se de uma forma considerada “discreta” e menos chamativa e assim não fossem associados à doença.”



Foto: Arquivo pessoal.

tam de uma outra forma a habitual para a sociedade, então lembramos de um episódio que aconteceu com ele no ano de 2019, quando ao retornar de uma festa e parar em uma rede fast food de Teresina com amigos, o atendente do estabelecimento se recusou a atendê-lo, alegando que ele estaria sem camisa. Na ocasião ele usava um top feminino. Perguntei sobre o que ele pensava sobre esses ataques a outras maneiras de se vestir, “É algo que acontece porque as pessoas ainda tem muito enraizado nelas os padrões sociais do que o homem deve vestir, e elas não estão acostumadas a verem pessoas se expressarem de outras formas, então elas acabam estranhando e tendo essa rejeição ao novo, **mas é justamente por isso que a moda agênero é tão importante, para mostrar como cada um deve ser livre e se vestir da forma que quiser, independente do julgamento dos outros.**”

Já que estávamos falando sobre a importância da moda agênero, perguntei o que ele esperava para os próximos anos e para as novas coleções “O futuro da moda agênero serão coleções pensadas para valorizar tanto o homem quanto a mulher e não essas coleções que a gente vê hoje em dia, que dizem ser de moda agênero mas que são sem graça, sem corte, sem cor. então assim o que eu espero para o futuro da moda agênero é que ela tome cada vez **mais riscos e seja mais ousada e mais divertida também.**

Após um longo dia e as novas descobertas com aquela experiência, assim que cheguei em casa resolvi pesquisar um pouco sobre o surgimento do conceito, e mesmo sendo um movimento considerado recente, a muito já tem se debatido sobre moda e gênero. Desde 1920, com as primeiras criações de peças “masculinas” voltadas para o público feminino, criados pela estilista Coco Chanel, com a introdução de peças como a calça pantalon e camisetas bretã listradas, peças que eram muito utilizadas por marinheiros na época e hoje em dias vemos que essa integração entre os estilos vem sendo cada vez mais comum e de forma natural.

Continuei a me aprofundar na historia e no surgimento deste conceito e descobri que na década de 1980, as primeiras aparições do conceito genderless começaram a surgir nas renomadas passarelas do mundo, com o estilista francês Jean Paul Gaultier, que lançou a coleção primavera-verão chamada em tradução livre de “E Deus criou o homem”, com saias vestidas por homens e voltadas para o público masculino, o desfile é considerado um marco no movimento.

***“Se desejamos uma sociedade com indivíduos que atinjam todo seu potencial, precisamos de um cultura que reconheça a diversidade humana, que ofereça opções e respeite escolhas.” Jo B, Paolelti escritora estadunidense, no livro Sex and Unisex: Fashion, Feminism, and the Sexual Revolution, de 2015.***

Pesquisando sobre, algo fica cada vez mais claro, que em decorrência das recentes e mais frequentes discussões sobre representatividade de gênero, as marcas que se preocupam com as mudanças da sociedade passaram a trazer de forma mais clara e presente o conceito em suas produções, é o caso de marcas renomadas como Prada, Gucci, Saint Laurent que incorporam a não-binaridade ao seu vestuário.

Os padrões heteronormativos que vem sendo utilizados na sociedade ao longo das décadas para determinar o que seria “apropriado” para cada pessoa, vem sendo cada vez mais desconstruído e quebrado pela geração Z. Afinal, com gerações tão distintas, é inevitável surgirem demandas e anseios diferentes e próprios, com isso as marcas buscam cada vez mais atender a esse público que é tão ligado à **liberdade de expressão, política, sexual e de gênero**.

Ainda na minha busca, em tentar compreender um pouco mais sobre o assunto, decidi que precisava conversar com alguém que é fruto dessa geração, então decidi ir até uma loja de departamento e ver se alguém aceitaria conversar. Observando as pessoas entrando e saindo da loja, vi uma moça provando algumas peças na ala masculina, então resolvi abordá-la, Joana Soares é uma estudante de 19 anos, no início da nossa conversa indaguei o que a leva a

comprar e usar peças que são consideradas masculinas, “Em geral eu compro roupas que me deixem confortáveis, e eu sinto esse conforto muito mais em peças masculinas do que em roupas femininas, que nem sempre são confortáveis, sem falar que em sua maioria são as mesmas estampas ou seguem o mesmo padrão de design mais delicados, não abrem para tantas variedades ou estilos e quase sempre são roupas apertadas, já as peças masculinas por exemplo, as camisas e bermudas, são mais “livres” se podemos dizer assim, que terminam por deixar quem está utilizando mais a vontade também.”

Aproveitando o momento, perguntei sua opinião sobre a questão de gênero relacionada às peças e essa distinção feminino e masculino, “Eu particularmente não sou ligada a isso de peça x, somente os homens podem usar, ou que modelo de unha y é exclusivo para mulheres por exemplo, **pra mim quem deve definir o gênero e se a roupa é adequada para ela, é quem a compra e vai usá-la, não os demais.**”

A moda sem gênero busca ir de encontro com as necessidades de um público independente e sua busca por quebras de conceitos pré-estabelecidos, e além disso busca cada vez mais incentivar que as pessoas se vistam de acordo com sua personalidade e identidade própria.



## Nonato Oliveira, Picasso e Hotel Salê

Por Julia Raulino e Wilka Paz

Nonato segurando desenho feito por Picasso. Foto: Reprodução/Internet.

Esses dias, tive a oportunidade de entrevistar Nonato Oliveira. No meio da conversa, descobri algo que poucos piauienses devem saber: o nosso artista morou em Paris e durante sua estadia em território francês foi aluno de nada mais nada menos que Picasso. Nesta oportunidade, me mostrou, inclusive, uma pintura que guarda com bastante carinho. Caricaturas que Pablo Ruiz Picasso fez ao desenhar o Nonato. Achei o máximo. Poucas pessoas têm a sorte de ser aluno de um grande pintor, conhecido mundialmente. Fora que... Nonato é Nonato, né? Leva a nossa identidade pelo Brasil e mundo afora. Me representa. Nos representa. Nonato contou, na maior simplicidade, que se tornou amigo pessoal de Picasso. Ia todo dia em sua residência e olhava ele pintar.

Agora, foi minha vez de conhecer a Cidade Luz. Super empolgada, visitei inúmeros museus e estive pertinho de

obras grandiosas que só conseguia ver através dos livros de arte da escola, quando ainda pequena.

Entre o roteiro turístico, aproveitei para conhecer o Museu do Picasso. Está instalado em um prédio belíssimo construído em 1656, que se perde um pouco na paisagem, já que todos os “casarões” em Paris são lindos e tem em quantidade, um do lado do outro. O tom bege da parede, levado pela chuva, virou mil diferentes. E com meus olhos ‘cansados’ da falta de cor e formas, mal imaginava ver tanto brilhantismo por dentro. Ao contrário do nome do prédio, ‘Hotel Salê’ (que significa salgado), tudo que presenciei deixou meu dia mais doce.

Pude acompanhar um pouco da vida do Picasso através de suas obras, que iam de pinturas, até esboços, documentos, retratos, vídeos, enfim. A coleção do Museu conta com 297 pinturas, 368 esculturas e trabalhos em 3D, 200.000



Painel do Centro de Convenções de Teresina. Foto: Grax Medina e Javé Montuchô.



Museu do Picasso em Paris. Foto: Reprodução/Internet.

materiais de arquivo e 92 livros ilustrados por Picasso. E não apenas eu estive encantada com tudo o que via, como também Ricardo Lisboa, um visitante português, que atribuiu à visita os adjetivos fabulosa e imperdível, “o museu é muito bonito. A visita permitiu conhecer a família e vida pessoal de Pablo Picasso, como também um pouco mais da sua obra” comentou.

Enquanto fui conhecendo todo aquele acervo, caminhando por entre as alas do museu, Nonato me veio à mente. As ruas que eu caminhava também foram caminhadas por ele. Os museus que eu visitei, ele também visitou. Entretanto, eu passei por Paris poucos dias, já Nonato foram 10 anos.

Ele tinha 14 anos quando pintou uma série composta por dezessete quadros

sobre a Guerra dos Canudos que um curioso viu em sua casa e levou para ser exposto na Maison de France, no Rio de Janeiro, o que acabou lhe valendo uma bolsa de estudos na capital francesa. Um evento quase que cômico o aproximou de um dos maiores pintores do mundo. Picasso também tinha 14 anos quando foi aceito para estudar arte em Paris. Em seu tempo, o artista espanhol fez uma obra com prazo de um mês em apenas um dia, tamanha sua genialidade desde jovem.

Assim como Picasso – e até eu –, Nonato visitou os museus parisienses. Todos os dias. Imerso na arte e cultura. Essa experiência permitiu ao piauiense conviver com vários artistas de diversos lugares. Ele pode aprender com o resultado do trabalho de artistas renomados. “Aprendi muita coisa, mas continuei

pintando as coisas que já fazia aqui no interior. Para o povo piauiense ver o folclore, a cultura popular, a história da cidade e de cada um. Sempre gostei de pintar o que o povo piauiense é e gosta de fazer.” conta.

O apreço que Nonato tem pelas suas raízes me lembram também de uma história de Picasso. Conta-se que durante a Segunda Guerra Mundial, Picasso viveu em Paris durante a ocupação alemã. Seu apartamento teria sido revista- do por um oficial nazista que viu uma fotografia do mural Guernica na parede e perguntou: “Foi você quem fez isso?”

E Picasso teria respondido, após um se- gundo de reflexão: “Não, vocês o fize- ram”.

No fim, de volta a Teresina e a todas as obrigações da rotina maluca que uma jovem vive, trouxe muito da inspiração artística que Paris exala. As imagens, que agora estão apenas na lembrança, constroem no meu imaginário um lugar de conforto. Por outro lado, mais uma vez aprendi com Nonato, algo que Pi- casso sabia muito bem, nunca deixar de olhar para as minhas raízes e falar do sofrimento do meu povo.



Museu do Picasso em Paris. Foto: Reprodução/Internet.



A versão Manhua (HQ) ilustra a história de forma impecável. Foto: Reprodução/NewPop.

## Ascensão das novels chinesas e a representatividade LGBTQIAP+

Por Thalita Desiderio

– “Ótimas notícias! Wei WuXian morreu!” Menos de um dia se passou desde o cerco na colina LuanZang, e as notícias se espalharam pelo mundo do cultivo como se tivessem asas, superando até mesmo a velocidade em que o fogo se espalha.

– “O Patriarca YiLing morreu? Quem conseguiu matá-lo?” – “Ninguém menos que o seu Shidi, Jiang Cheng, deu um fim ao seu parente para o bem maior. Jiang Cheng liderou as quatro seitas YunmengJiang, LanlingJin, GusuLan, e QingheNie para destruir o ‘covil’ dele — a colina LuanZang.” – “Devo dizer, boa jogada!” – “Boa jogada, de fato! Nós finalmente eliminamos esse flagelo.”

Seria mais uma manhã de uma quinta feira qualquer se não fosse pelo fato de uma legião de fãs estarem bastante ansiosos para uma certa notícia. As redes sociais estavam tomadas por frases e cenas da novel por toda parte, os fãs estavam enlouquecidos e ansiosos para que todos os boatos que eles estavam ouvindo ao longo de semanas fosse verdade. E foi aí que naquele dia 30 de junho de 2020, a Editora ‘New Pop’ divulgou oficialmente que iriam publicar as novels de ‘*Mo Dao Zu Shi*’ ou em português ‘O Grande Mestre do Cultivo Demoníaco’ no Brasil.

A advogada Thais Desiderio, fã da obra, estava bastante empolgada por que finalmente iria ter sua tão sonhada cópia em mãos, ela revela que iria ler a obra como se fosse a primeira vez – ‘Nossa, vou chorar com as mesmas cenas que li em PDF de forma clandestina e com tradução porca como se não houvesse amanhã’, diz ela. ‘*Mo Dao Zu Shi*’ ou ‘O Grande Mestre do Cultivo Demoníaco’ é uma novel chinesa criada por Mo Xiang Tong Xiu que se caracteriza por ser um romance *Web Danmei*, que basicamente é um gênero literário onde apresenta relacionamentos românticos entre personagens masculinos.

A euforia foi tão grande que naquele dia os fãs fizeram o nome da obra e da autora entrarem nos *trends topics* do *Twitter*. A falta de representatividade de personagens LGBTQIAP+ aqui no Brasil fez com que muitos fãs fossem em buscas dessas obras fictícias em ou-

tras culturas, ironicamente, os países onde mais produzem conteúdos LGBTQIAP+ são os países com leis bastante rigorosas contra a união de pessoas do mesmo sexo. A Jornalista Carolina Maia que consome obras LGBTQIAP+ desde 2015 fala do porquê desse fenômeno de escolher obras internacionais:

‘Particularmente, tem coisas que quando são escritas em inglês é mais fácil de levar a sério que em português (não só cenas hot, mas até falar de sentimentos e tal quando é em português a escrita tem que ser melhor, acho que sou mais rígida em português que em outras línguas). E quando está na cara que o texto foi traduzido para português também é mais fácil de levar a sério porque eu relevo, já que foi escrito em outra língua. Quando eu leio livros estrangeiros - não só americanos, mas também chineses, coreanos ou japoneses - eu costumo os

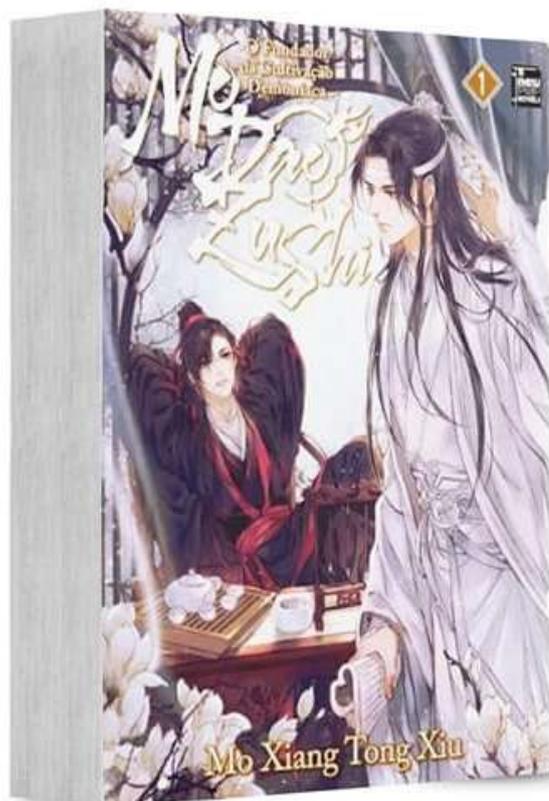


Foto: Reprodução/Newpop.

ler em inglês. Acho que por causa disso, nunca tinha pensado a respeito.’

A jornalista Marta Araújo conta que o sucesso da adaptação da obra para um *C-Drama* (como são chamadas as séries chinesas) atraiu sua atenção para a história e imediatamente se apaixonou por ‘*The Untamed*’, versão em drama da novel ‘*Mo Dao Zu Shi*’, logo em seguida ela foi atrás de ler tudo sobre a novel e se apaixonou mais ainda, principalmente pela representatividade LGBTQIAP+ bem descrita pelas mãos de Mo Xiang Tog Xiu. Ela ainda comenta que as pessoas podem ter se sentido atraídas para esse universo de mídia asiática pelo enorme leque de opções que eles têm e pelas histórias serem diversificadas e saírem daquele clichê que todo mundo ama, mas que sempre quer mais.

A obra que é em sua essência feita para a comunidade LGBTQIAP+ conseguiu furar a bolha e atrair olhos curiosos para saber o porquê de tamanho sucesso do drama, muitos fãs relatam que a representatividade que eles queriam estava ali, principalmente em um país extremamente homofóbico, ver um drama atingir um sucesso estrondoso no país e obter 10 bilhões de visualizações em sua primeira semana de lançamento e ainda atraindo um público internacional massivo, fez com que a esperança de que as coisas no país iriam melhorar a partir de ‘*Mo Dao Zu Shi*’.

Marta conta que viu essa representatividade de forma muito positiva, ela

diz ‘Eu como alguém que sou parte da comunidade LGBTQIAP+ não tive muita representatividade positiva quando era mais jovem, na verdade, representatividade nenhuma, então, poder consumir esse tipo de cultura com esses personagens é algo muito reconfortante, porque você consegue se perceber como a pessoa que pode ter acesso ao amor, a uma realidade que as coisas são melhores, que não são tão sofridas e nem dificultosas na vida real, então, para mim é maravilhoso, eu fico muito feliz de ter acesso agora já mais adulta porque eu não tive quando era mais jovem por isso fico muito contente de poder me enxergar e enxergar que esse amor não é errado.

Carolina pontua que buscava ler algo que fosse LGBTQIAP+ por trazer ali uma representatividade que ela se identificasse de algum modo, mas que agora lê sem fazer esse filtro. ‘Eu sou capaz de me identificar com a história para além da sexualidade dos personagens. Particularmente eu tendo a gostar muito do ‘Queer’ e dos questionamentos e implicações do fora do padrão, e essas histórias são (em geral) mais profundas que as “héteras” que existem e pensam ali dentro de um padrão já estabelecido’.

Com um enredo que traz uma cultura totalmente diferente da nossa, ‘*Mo Dao Zu Shi*’ nos leva para o mundo fictício que descreve de forma impecável as artes marciais da cultura chinesa e todos os termos que são conhecidos para os fãs de dramas históricos chineses

como: cultura dupla, taoísmo, budismo, medicina tradicional chinesa, mitologia chinesa e tudo que envolve esse universo fantasioso que atraiu uma legião de fãs e de olhares curiosos.

Marta fala que a história não é só um romance, mas que te faz refletir sobre o que é certo ou errado, entrando na discussão de o que caracteriza um vilão de vilão e o mocinho de mocinho e com isso você vai aprendendo muito, ela ainda diz que você aprende muito da cultura chinesa pois é uma novel histórica que se passa em uma época bem antiga da China, com uma história bem instigante e bem desenvolvida.

‘*Mo Dao Zu Shi*’ abriu portas para várias

outras obras irem ao ar, temos também ‘*Word of Honor*’ lançada no ano passado e mais duas obras estão para serem lançadas, adaptações das obras ‘*Heaven’s Official Blessing*’ e ‘*The Husky and His White Cat Shizun*’. Mesmo sendo desenvolvida para uma audiência LGBTQIAP+, a obra é consumida também por pessoas que não fazem parte da comunidade, mas que acham as obras bem mais desenvolvidas e com histórias que sempre trazem alguma reflexão ou ensinamento.

Nisso Marta fala sobre como o desenvolvimento da obra ajuda as pessoas a se sentirem conectadas, mesmo com um vocabulário diferente por ter ex-



A enfermeira Karol Mourão exibe com orgulho sua estante recheada com as obras de *Heaven’s Official Blessing*. Foto: Reprodução/Arquivo pessoal.

pressões como: *Lan Er Gege* (Irmão mais velho), *Shidi* (“Irmão” mais novo cultivador (não relacionado por sangue), *Qiankun* (um tipo de saquinho dimensional que cabe uma quantidade grande de itens), *Qi* (desordem fisiológica ou psicológica quando um cultivador comete práticas consideradas impróprias ou imperfeitas), *Selo* (Uma “fonte” ou tipo de texto usado pelos chineses durante a Dinastia Qin), *Guqin* (Tipo de cítara de origem chinesa), dentre outras expressões totalmente novas para os consumidores ocidentais, mesmo assim, a mensagem passada não é despercebida e os leitores se sentem presos a história e determinados a aprender e entender todo aquele universo.

A enfermeira Karol Mourão, que é encantada por esse universo, diz que ficou tão encantada pela história que consumiu todas as versões, Audio Drama, *Manhua* (quadrinhos), *Donghua* (animação), além da série em si, ela ainda compartilha que teve que comprar a versão em inglês pois queria muito o livro físico, isso antes da versão em português ser lançada, a qual ela também comprou, e ainda comprou a versão original em Chinês, fora os livros, ela também conta que comprou os bonecos dos personagens e outras coisas relacionadas a obra.

Carolina também consumiu várias versões da novel e conta: ‘Acho que cada formato de produção tem uma maneira individual de contar a mesma história. O livro é uma produção essencialmen-

te individual, mas a série, o anime e a HQ são todas produções em equipe que têm a mão de mais gente ali botando energia para fazer dar certo.’

Além das obras chinesas, as obras tailandesas e coreanas invadiram o Brasil, algumas das mais famosas por aqui são: ‘*Together With Me*’, ‘*The Red Thread*’, ‘*2Gether*’, ‘*Manner of Death*’, ‘*Bad Buddy*’, ‘*On and Off*’, ‘*Hyperventilation*’, e mais recentemente *Kinnporsche*, algumas delas tendo versão física aqui no Brasil, ‘*The Red Thread*’ e ‘*Manner of Death*’ são obras tailandesas que tem versões físicas por aqui trazidas pela editora BLB (Boys Love Brasil), ainda está por vir a versão física de ‘*2Gether*’, pela mesma editora que trouxe ‘*Mo Dao Zu Shi*’, a editora ‘New Pop’.

Karol comenta que é um alívio muito grande ter esses livros de forma física e poder ler novamente, a importância de ter acesso a esses livros com conteúdo LGBTQIAP+ a deixa super emocionada pois ela é acostumada a ver todos os seus colegas terem acesso às suas obras favoritas em qualquer livraria e poderem se sentir representados, mas ela lia uma história hetero e não conseguia se ver no personagem o na história, ela diz que queria sentir essa mesma emoção que as outras pessoas sentiam, nas palavras dela:

‘Significa que a cabeça das pessoas estão mais abertas para esse tipo de conteúdo, era muito solitário ver todos os meus colegas passearem com seus

livros em baixo do braço nos corredores da escola e começaram a comentar sobre cena tal ou sobre a continuação da história, enquanto eu só podia fantasiar a história na minha cabeça ou ler as fanfics no site do *Spirit*, então quando essas obras começaram a vir para cá, eu senti que agora era minha vez de andar com o livro para cima e para baixo e ficar empolgada esperando o lançamento do volume 2 mesmo que eu já tenha lido a obra completa na Internet.'

Thais acrescenta que a Netflix ajudou bastante na divulgação das novels chinesas por aqui, ela diz que ainda se lembra daquela semana que '*The Untamed*', versão drama da novel, foi lançada, os fãs da obras estavam eufóricos nas redes sociais, todos falando sobre *Pier Lotus* (cenário), *Gusu Lan* (Outro cenário)

e a felicidade de finalmente estarem visualizando tudo aquilo que eles tinham lido, ela também comenta que alguns curiosos que passavam pela Netflix assistiram e mesmo estranhando de início, gostaram bastante da lição que o drama trazia.

Marta disse que ouvia muitas piadas falando sobre os personagens voando em espadas e lançando feitiços através de papéis mas que ao mesmo tempo fazia sentido na história e fazia você refletir do porquê do *Wei Wu Xian* (o personagem principal) ter escolhido a cultivação demoníaca e ter sido o cultivador mais poderoso que já pisou na terra, e também conseguiram perceber as razões do todo certinho e seguidor de regras *Lan Zhan* (o outro personagem principal e par romântico de *Wei Wu*



Editora anuncia versão em português de Mo Dao Zu Shi. Foto: Reprodução/Internet.

Xian), ‘ele sempre foi certinho, honesto, íntegro e imaculado, mas as pessoas entendem ele ter abandonado tudo e ter ido em busca de descobrir sua própria verdade e tentar entender o verdadeira conceito do que é *Hei Bai* (preto e branco) e do certo errado’. A partir daí outras obras chinesas foram sendo desenvolvidas e as pessoas foram em busca de mais e mais novels, ‘*Heaven’s Official Blessing*’ é outra obra de sucesso que a Netflix trouxe em seu formato de *Donghua* (animação) e a China está produzindo a versão em drama que ainda está sem data de estreia devido à forte censura com as obras LGBTQIAP+ por lá.

Carolina acrescenta: ‘A sensação que eu tenho é que por um bom tempo o pessoal LGBTQIAP+ nunca teve esse luxo de querer assistir obra LGBTQIAP+ mainstream (risos). Sempre tivemos que recorrer às obras menos famosas - populares em outros públicos, pelo menos. Como tem bastante obra LGBTQIAP+ asiática, é isso que as pessoas consomem. Não sei se seria a primeira opção de algumas pessoas, porque puts tem muita coisa bizarra nas novels asiáticas - um fetiche ao estupro e cunho misógino que vou te contar (risos). Falta bastante feminismo lá (risos) mas enfim. *Heartstopper* (série britânica) e *Young Royals* (série sueca), ambas disponibilizadas pela Netflix, são muito mais tragáveis por trazerem menos “bizarries” nesse sentido. Mas a gente consome o que tem.

É possível ver um crescimento ainda maior de obras asiáticas sendo desenvolvidas e agora de forma quase que exagerada, para isso Carol tem uma teoria: ‘Público consolidado’. O público que consome BL (Boys Love) já está acostumado a consumir BL asiático. Os brasileiros, além de ser muito difícil de produzir com um investimento público que nem peida no orçamento direito, acabam produzindo obras menos tragáveis, mais cabeça - mais prováveis de ganhar editais de financiamento.’

As novels chinesas e de outros países asiáticos estão chegando no mercado brasileiro com muita expressividade, Karol cita que está feliz por estarem reconhecendo a importância desses trabalhos, principalmente por começarem a ter um lugar no mercado e que se sente grata e feliz pela visibilidade de ‘*Mo Dao Zu Shi*’.

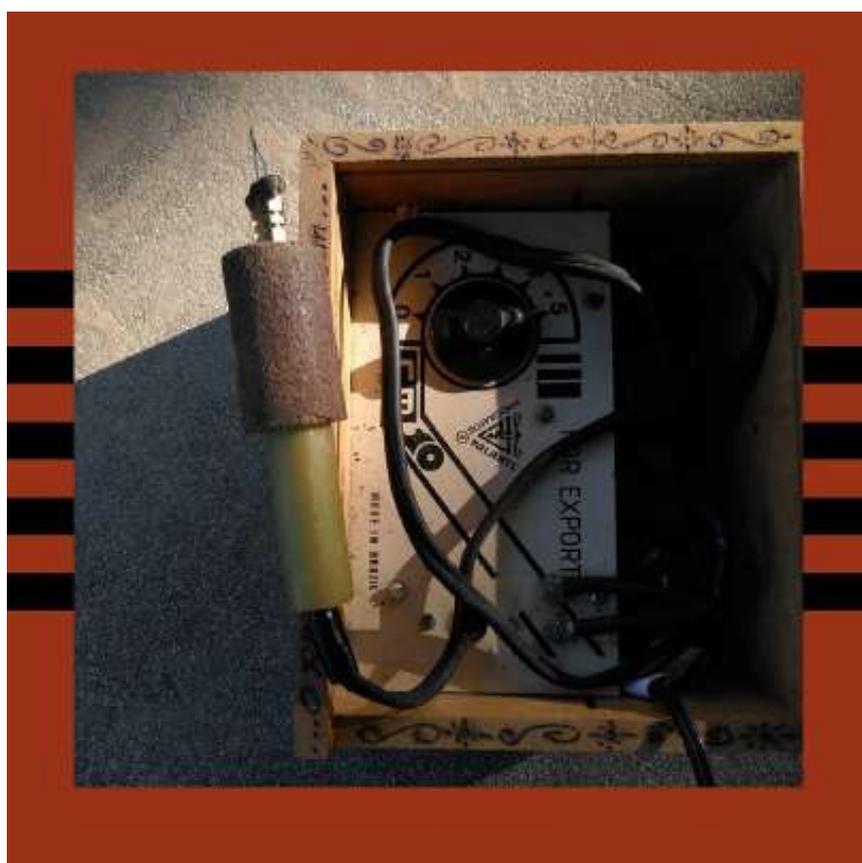
Essa representatividade LGBTQIAP+ vem ajudando jovens e se assumirem para as famílias e a de fato se verem nas histórias que estão sendo contadas, esse caminho que as novels chinesas estão percorrendo aqui no Brasil ainda está no seu começo mas mostra uma expressividade gritante e um indicio de que não vai parar com apenas algumas obras, mas sim, continuar trazendo mais obras asiáticas com conteúdo LGBTQIAP+ para que as pessoas possam se sentir representadas através dessas histórias magníficas e cheias de ensinamentos.

A brasa incandescente cintila.

Alguns movimentos do punho traduzem  
pensamentos de memória e uma linha  
tênue entre calor e habilidade consolida  
um ramo profundamente rico e antigo  
no campo da Arte:

# A pirografia

Por John Myke Alves Pinheiro



O pirógrafo é uma ferramenta elétrica que lembra uma caneta, utilizada para gravar diversos materiais através do calor. Foto: Reprodução/Instagram.

O sol que ardia sobre minha pele e me acompanhava pelo lado de fora da janela do 501 (ANITA FERRAZ - SÃO CRISTÓVÃO), um ônibus, que peguei em direção à zona Leste de Teresina, mais precisamente em direção ao bairro Cidade Jardim, parecia, de antemão, exclamar o calor absoluto que atravessaria, além de uma tarde comum na cidade, uma ampla conversa com um artista-amigo iluminado - pela Arte e pelo fogo.

Enquanto mantinha o diálogo imagético com aquela estrela amarela que sem nenhuma compaixão torrava minha carcaça corpórea, observava e absorvia as paisagens compostas pela natureza inerte da cidade e suas pichações intrínsecas e as fachadas dos estabelecimentos e das lojas efêmeras e transitórias enquanto imaginava como seria aquela experiência, por onde começaria aquela conversa que ia se aproximando com o avançar do ônibus.

Desci na avenida Luiz Martírios de Moura com aquela sensação de corpo desovado em uma área desconhecida por volta das 16:20h e segui andando em direção ao ateliê do artista plástico Wesley Veras. Depois de um cigarro e algumas quadras percorridas o avistei de longe acenando como um outdoor luminoso ou como se eu fosse absolutamente míope. Fui convidado a adentrar ao seu ateliê - que deve ter por volta de uns 28m<sup>2</sup> e que se diga de passagem, da entrada se tem uma vista inefável, onde é possível ver o sol despencar no

horizonte com muita ostentação - e dentro eu já me sentia em casa. Pichações e grafites nas paredes, madeiras de MDF espalhadas por toda a sala, obras suspensas na parede por barbantes e um equipamento até aquele momento desconhecido por mim compunha o ambiente perfeito para um artista talentosíssimo como ele - depois dos diálogos rasos de primeiro momento, disse ele que o equipamento se chama pirografo.

Antes de qualquer pergunta objetiva que pudesse dar sentido a minha visita ali naquele espaço sublime, ele, o Wesley, me garantiu que dali eu sairia apaixonado - apaixonado pela arte da pirografia. Eu, sem ser nenhum bobo e sem nenhum reluto, me entreguei por inteiro a força ilocucionária daquela afirmação. Foi a partir dali que eu entendi o que aquele encontro simbolizava: era muito mais do que uma simples entrevista para a composição desta matéria. Era um ritual de expressão do absurdo. Era o vislumbre de um artista aberto e disposto a relatar seu íntimo e depositar em mais um indivíduo, nesse caso em mim, a grandiosidade de uma arte milenar e extremamente valorosa. Aproveitei.

De início eu timidamente perguntei como aquela arte, que consiste em uma técnica de desenhar, gravar ou decorar sobre materiais como madeira, couro, tecido, entre outros objetos, usando calor, o encontrou - e não como ele encontrou tal arte; afinal, creio irres-

tritamente na assertiva de que arte é um organismo vivo que inquerse sem a chance de defesa e invade corpo a dentro qualquer um que esteja apto ou no mínimo desprevenido – e ele me respondeu que tudo começou no Quem Quiser Que Chore, uma casa de artistas que ficava localizada no Bairro dos Noivos, por trás do Teresina Shopping. Lá se reuniam artistas de todas as vertentes como dança, teatro, artes plásticas, entre outras expressões. E lá, sem mais nem menos, um amigo, gentilmente apelidado de Carniça, surgiu com um pirografo. Contou ainda que ali fez seu primeiro trabalho – um quadro – e expôs para os presentes.

Com essa experiência na memória,

Wesley conta que alguns dias depois, por coincidência (um salve à arte do acaso), um amigo o procurou na expectativa de vender a ele um pirografo – ele fala com um tom de mistério, já que o amigo que o procurou não tinha conhecimento da experiência dele na casa dos artistas – e sem nenhum título ele comprou. Orgulhosamente é o pirografo que ele tem até hoje. A partir desse momento a arte em chama o cativou.

De primeiro momento, a arte; em segundo, o trabalho. Como foi transformar expressão artística em fonte de renda? – o interroguei, tendo relativamente a expectativa de uma resposta já dogmática e sentenciosa pertencente a



Peças diversas do artista plástico Wesley Veras. Foto: Reprodução/Instagram.

classe dos artistas teresinenses: a de um investimento quase sacrificial.

O artista me disse que vendeu tudo que tinha, inclusive uma moto modelo XTZ 125 da qual ele tinha muito apreço, para montar o ateliê. Com o dinheiro ele ergueu e rebocou as paredes, adquiriu as ferramentas e os materiais necessários para a composição das peças e deu início ao projeto. Com encomendas simples, geralmente de artistas globais como Marília Mendonça, Bob Marley, Raul Seixas, Renato Russo, Kurt Cobain, etc., ele começou a capitalizar as obras e fazer disso a sua prazerosa fonte de renda.

A maioria das vendas ocorre via rede social, principalmente no Instagram, e abrange trabalhos que partem de réplicas de artistas famosos, faixadas para lojas, chaveiros, brincos, placas e confecção em objetos distintos como instrumentos musicais, skates, baús porta-objetos, entre outros, até quadros realistas e abstratos feitos sob encomenda — “Em Teresina, as pessoas só compram sua arte quando elas não te reconhecem naquele trabalho, só quando elas não conseguem acreditar que foi você que fez”. Uma fala incontestável e que reverbera o sentimento do artista em criar o perfil Arte em Chamas, onde expõe e vende suas peças.

Quis saber também como ocorre o processo de inspiração e criação – Até aquele momento eu estava em êxtase observando os trabalhos dispostos pela



Reprodução da obra “Simetria Carnal” do artista Bryan Oliveira (@oliver.bryan.uk) feita por Wesley Veras com a técnica da pirografia. Foto: Reprodução/Instagram.

sala tentando mensurar quanto tempo havia sido gasto na confecção de tantas peças.

O que é vendido pelos artesãos na verdade não é o material em si, como o pirografista relata, mas o tempo dedicado exclusivamente a construção da peça e toda a criatividade envolvida. É dedicado um certo tempo no trabalho que varia de acordo com a complexidade da peça, entre o tipo de material e o tamanho, mas no mínimo seis horas são gastas para entregar uma obra satisfatória.

Além de executar magistralmente as mais diversas ideias no ramo da pi-

rografia, Wesley conta, “sempre que pode e com muito orgulho” — palavras dele – que é um “ressignificador de memórias”. Afinal, cada peça possui um valor emotivo que provém dos próprios clientes; que geralmente pedem para que ele recrie fotografias antigas, principalmente de pessoas já falecidas; ou alguma cena que ficou apenas no imaginário, onde o registro não foi possível. Nesse caso, o artista senta com o cliente, pede para que ele relate detalhadamente o que enxerga em seu íntimo e através do relato de cenas imagéticas Wesley imprime, através da arte, os mais diversificados sentimentos.

“A pirografia se tornou um desafio pra mim. Um desafio de levar essa arte até as pessoas e que elas reconheçam essa

arte como autêntica na vastidão que arte representa”

Os sentimentos são tantos que levaram Wesley a transcender as estruturas de seu pequeno, porém riquíssimo, ateliê. Depois de dois anos e meio se dedicando à pirografia, o artista também me disse ter se colocado à disposição para levar as chamas em arte para à comunidade. Algumas oficinas foram realizadas em escolas públicas em pequenas cidades do Maranhão, como Presidente Dutra, Senador Alexandre Costa, Junco, São José dos Basílios, e também em Teresina no bairro Nova Teresina, tudo em parceria com a fundação Bastos. Gratuitamente e para todos os públicos.

Wesley foi atrás da fundação com a



Wesley Veras, estudante de Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí, é artista plástico e proprietário da Arte em Chamas – Pirografia (@artemchamas). Foto: John Myke Alves Pinheiro.

proposta de dar oficinas na sede em Teresina, e depois da primeira oficina a própria fundação viu que seria interessante clarear as cidades com a chama da pirografia. A ideia era aproximar as pessoas à arte de tal forma que elas pudessem produzir suas próprias peças.

Ela, a pirografia, é uma arte ainda tímida nas terras piauienses. São pouquíssimas as pessoas que trabalham ou a veem pelo menos como prática descompromissada por aqui. É graças ao trabalho de artistas como o Wesley Veras que a pirografia tem ganhado alguns míseros, mas significativos destaques. A arte dele se fez presente no Festival Piaga em 2022 e foi exposta até mesmo em programas da televisão teresinense – “Não dá é pra desistir”, como ele me disse.

“Vejo muitos artistas expondo em museus, na prefeitura e até fora da cidade de Teresina, porém com relação a pirografia, que é uma arte antiga e que expressa bastante o sentimento de regionalidade até mesmo pelo marcar do gado, que também é pirografia, parece que as pessoas não conhecem, não entendem do que se trata, e eu gostaria que as pessoas conhecessem e se interessassem, até para que surgissem novos artistas nessa área.”

A arte de Teresina primeiramente transita entre os artistas, mas pouco depois, por conta própria, ela escorre pelas ruas e avenidas da cidade; musicalizando, movimentando, colorindo,

atuando, esculpindo e, também, incinerando. Wesley Veras é um artista plástico de criatividade inarrável. Eu, particularmente, já o vi transitar entre inúmeros outros segmentos no contexto artístico. Ele é do grafite, da tatuagem, da pirografia e de tantas outras áreas que me saltam os olhos e me enchem de orgulho enquanto nordestino. A arte, por aqui, é viva! É plural dentro de suas infindas singularidades. A Arte do Piauí salva!

E aquele encontro no ateliê do Wesley também me salvou. Aquela tarde estará enraizada em minha memória vida a frente. Talvez eu até tente ser pirografista também (risos) – como o Wesley prometeu, eu realmente saí apaixonado.

## À Arte em Chamas!

Pirogravador é artesão ou pertence a uma classe distinta? Essa é uma discussão trazida pelo artista quase que acidentalmente no meio da nossa conversa. Garantindo ele que não existe nenhuma carteira ou documento de identificação para quem atua com essa arte, resta por necessário se filiar, por única alternativa, a classe dos artesãos. Menciono essa discussão como um parêntese que evitarei discorrer. Por oportunidade e tentativa de instigar o leitor ou a leitora a participar desse problema é que comento. Toda leitura precisa transcender as páginas!



Registro das oficinas de pirografia ministradas por Wesley Veras. Foto: Reprodução/Arquivo pessoal.



## Praças centrais: um retrato cultural de Teresina

Por Roberta Laurindo e Vanessa Kelly

**N**ossa querida Teresina, município conhecido como “Cidade Verde”, foi criada para abrigar a nova capital do nosso Estado do Piauí. Já nos planejamentos para a infraestrutura da cidade, estava prevista a construção de praças públicas, com o intuito de proporcionar lazer para os teresinenses.

As praças que foram construídas tiveram grande importância para a formação da identidade e do patrimônio cultural da nossa cidade. São locais que carregam grandes histórias do povo teresinense e seu desenvolvimento até os dias de hoje. E nós fazemos parte dessa

história e as gerações futuras também terão histórias para contar. Histórias talvez não tão boas, como aquelas das gerações passadas, que iremos conhecer agora.

Somos apaixonadas pela “Teresina do passado”. Pelo menos, eu, Roberta, sempre gostei de ler artigos sobre como era a cidade antigamente. E por isso, Vanessa e eu, como quase jornalistas, resolvemos conhecer um pouco mais da história das praças centrais da cidade.

### **Praça da Bandeira**

Em uma tarde bem ensolarada, quen-

te e com pouco vento, lá estava ela: a centenária Praça da Bandeira. Aquela que era o centro cívico da cidade e, em seu entorno, estavam os edifícios mais importantes, foi a primeira praça construída em Teresina.

Ficamos um bom tempo olhando para ela, com um pouco de receio. A cidade passa por um momento crítico de uma onda muito grande de assaltos. Receio esse que, inclusive, mostrou-se não ser à toa, pois as pessoas que conversamos no local relataram que assaltos naquela região são comuns.

Caminhando pela praça, aproveitando um pouco de sombra que havia pelo caminho, notamos um senhor que estava concentrado arrumando seus produtos na banquinha que ele possui na praça. Havia relógios, óculos, pulseiras etc. Demos início a uma conversa bem inte-

ressante, que ficará marcada para sempre em nossas memórias.

Ouvir histórias de pessoas que viveram mudanças e passaram por tantos momentos é uma sensação inexplicável, tanto para nós que estamos conhecendo a história, quanto para quem conta, relembrando do passado e se emocionando. É o caso de Severo Lopes, que, desde criança até agora, nos seus 55 anos, tem como atividade principal a venda ambulante na Praça da Bandeira.

Ao longo desses anos, seu Severo, presenciou vários momentos importantes na praça, dentre eles, uma memória bem marcante que reunia muitas pessoas, inclusive de fora. Era o evento de “Juramento da Bandeira”, feito pelos soldados do antigo quartel, que ficava onde hoje se encontra o Shopping da



Seu Severo Lopes na Praça da Bandeira. Foto: Vanessa Kelly.

**Cidade.** *“Esse era o evento mais marcante dessa praça, a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, mais conhecida como Praça da Bandeira. Mas, por que Praça da Bandeira? Por que os soldados vinham para cá, prestar bandeira aqui na praça. Muitos militares, muitas fotos, televisão, muita gente! E vinham até pessoas de fora para ver, por isso é conhecido como Praça da Bandeira”, contou entusiasmado, lembrando desses momentos que marcaram a vida dele e de tantos outros que também estiveram presentes nestes eventos.*

*Relembrando a época em que a praça recebia muitas pessoas, principalmente nas datas comemorativas, como o Natal, ele disse: “Tinha época de Natal que amanhecia o dia aqui, casais, crianças, que ficavam na praça e depois iam assistir a missa na igreja. As vendas eu achava melhor, por que eu cansei de pegar o Natal aqui ao redor dessa praça todinha, era muito bom!”*

**Mas, nem tudo era um mar de rosas. Seu Severo também presenciou vários momentos desagradáveis, como vários assaltos e até mortes. O que entristeceu tanto a ele, quanto aos colegas, que nasceram e vivenciaram as mudanças ao longo desses anos na praça. De uma praça movimentada para uma praça abandonada! De um local de lazer para um local que gera medo nos teresinenses. Apesar das mudanças dos tipos de visitantes no local, a mudança na estrutura continuou a mesma e só fez piorar com o passar do tempo.**

**Com uma expressão de tristeza e insatisfação por ver a praça que ele passou quase uma vida, se acabando, seu Severo diz com muita indignação em sua voz:** *“Mudança física mesmo na estrutura da praça, não mudou nada. Está ficando deteriorada a cada ano que passa. Não mudou muita coisa não! Parece que a turma não está cuidando muito bem desse local tão importante para a cidade. Para ser a praça do centro da cidade, era pra ser a mais organizada, mais limpa!”.*

**Aquela fala nos impactou tremendamente, pois ver uma pessoa que viu a praça em tempos que era repleta de cor e alegria e pessoas felizes, nos leva a imaginar como era aquele ambiente e a querer vivenciar isso em nosso tempo. Porém, o tempo passa e as mudanças vão deixando seu rastro. E o que vemos hoje, não é mais a nossa tão querida Teresina do passado. Assim como seu Severo, nós queríamos muito voltar nesse tempo e poder vivenciar uma Teresina mais alegre, mais bonita e mais colorida. Pois até a grama da Praça da Bandeira, era muito linda e verde, como relatou Severo Lopes e seu amigo Geovane Júnior, que desde pequenos acompanham a trajetória desse patrimônio histórico de Teresina.**

*“Tinha o encontro dos violeiros no teatro daqui, era muito movimentado... Essa praça era cheia de barracas, com comidas típicas da época. Era uma praça bem animada! Tinha até uma fonte de água ali com peixes”, relatou Geovane Júnior, amigo do Severo Lopes, com quem es-*

távamos conversando.

## Praça Rio Branco

A prosa estava boa, mas já era hora de partir. Saindo da Praça da Bandeira, logo chegamos à Praça Rio Branco. Muito movimentada, barulhenta e um pouco suja, ficamos um pouco perdidas em meio a tanta informação.

Esta praça foi um tradicional ponto de encontro e lazer para a sociedade teresinense do passado. Existiam as apresentações da banda da Polícia Militar como fonte de lazer, e um pouco mais tarde, com o surgimento do rádio, as pessoas se reuniam na praça para acompanhar os programas que eram retransmitidos através dos alto-falantes.

De longe, avistamos uma banca de revistas e jornais. E resolvemos puxar um papo com o dono da banca Estrella Dalva. Questionado sobre como era a praça

no passado, ele disse “A 30-40 anos era bem melhor, tinha muita gente por aqui e vinha até o pessoal do interior fazer feira e comprar... era muito movimentado. Hoje devido ter muitos ladrões e lanceiras, o pessoal deixou de vir. A pandemia também fez o movimento cair um pouco, pois algumas pessoas morreram e outras se afastaram mais do centro já que grandes lojas e bancos já estão presentes nos bairros”, respondeu de forma tímida, mas muito solícito.

Afonso José, de 55 anos, disse que já está na Praça Rio Branco a cerca de 40 anos. Fazendo as contas, isso quer dizer que ele está lá desde a década de 80. Ele relatou que desde muito jovem já acompanhava o pai nas vendas.

“A banca foi fundada pelo meu pai e tem quase 70 anos. O papai era criança e vinha para cá vender revista e jornal no meio da



Seu Afonso José na Banca Estrella Dalva. Foto: Roberta Laurindo.

rua e depois ele botou uma barraquinha. Aí essa barraquinha foi indo e indo [crescendo] e se transformou em uma banca. Então, até hoje estou aqui, passou de pai para filho, atravessou gerações”, comentou Afonso com um brilho no olhar.

Mas, logo em seguida, com um desânimo na voz e expressão facial, ele nos conta que antes a Praça era mais bonita e que tinha até uma fonte de água onde as crianças brincavam e até tomavam banho. Tinham apresentações de circo, de música e hoje em dia já não tem mais. Infelizmente, isso foi o que restou da praça nos dias atuais. Relato similar ao que acontecia na Praça da Bandeira e atualmente já não tem mais.

Voltando umas boas décadas no tempo, antes da Praça Rio Branco perder sua exclusividade como local de passeio público dos teresinenses para a Praça Pedro II, ela também servia como

ponto de encontro para as pessoas dali se dirigirem até os cinemas, teatros, cafés, bares, entre outros espaços sociais. Tinha seu glamour dentro da Teresina que ainda estava se expandindo.

## Praça Pedro II

Em meados dos anos 30, a Prefeitura de Teresina fez a instalação do Cine Rex e Cinema São Luís no entorno da Praça Pedro II. Isso desbancou a Praça Rio Branco e tornou-a o principal ponto de lazer e descontração da sociedade teresinense.

A Praça Pedro II oferecia um espaço propício a namoricos e ao desfile das moças com os modelos mais elegantes e recentes da moda carioca. Os jardins floridos, como parte da decoração, chamavam atenção na praça por conta de sua beleza.

As noites na praça eram animadas pe-



Antigo Cine Rex destacado ao meio, e ao lado esquerdo está o Café Art Bar. Foto: Vanessa Kelly.

las bandas de música da Polícia Militar e do Exército nas quintas-feiras e aos domingos. E o espaço da praça também tornou-se palco para alguns intelectuais da cidade trocarem ideias.

O design atrativo e elegante da praça trazia pessoas de todas as camadas sociais, idades e sexos, que buscavam diversão na praça, flertes, namoros e conversas, até o momento de em que todas as moças da praça sumiam. “*Soltaram a onça!*”.

Essa expressão, de acordo com Raimundo Nonato Monteiro de Santana, em depoimento a Francisco Alcides do Nascimento em 1999 para produção de um artigo em uma revista de história, explicou que “*quando dava nove horas, que tocava a corneta da polícia militar, que ficava ali de frente ao centro artesanal, aí a gente dizia brincando que tinham soltado a onça, que as moças desapare-*

*ciam num canto, nenhuma moça, como se chamava naquele tempo, nenhuma ficava na praça. Ninguém ia ao cinema só, quando os pais deixavam iam duas, três. Elas andavam sempre de três*”.

As jovens da época desfilavam em redor de um círculo, para deleite de seus admiradores. As noites na Pedro II eram iluminadas pelo sistema de energia elétrica e eram animadas pelas peças musicais. Então, fomos em busca de saber sobre as aventuras dessa época.

Sob um lindo sol de fim de tarde, que realçou ainda mais a beleza da praça e uma brisa leve, logo penso “*Não posso negar. Esta praça ainda é muito bonita! Se estivesse bem cuidada, seria ainda mais*”. Havia alguns boêmios bebendo no Café Art Bar, que fica ao lado do finado Cine Rex, aquele que já foi o principal cinema da cidade. Pensamos em puxar um papo com os que estavam



Praça Pedro II. Foto: Roberta Laurindo.

sentados no bar, mas achamos melhor não incomodá-los. Tímidas? Talvez um pouco.

Nos dirigimos à banca que acreditamos ser a mais famosa de Teresina: Banca do Joel. Pelo menos, essa é a banca que mais ouvimos falar. É difícil alguém comentar sobre bancas de revistas/jornais por aqui.

*“Boa tarde! Você trabalha aqui na praça há muito tempo? Pode nos conceder uma entrevista?”*, perguntou Vanessa. *“Não estou por aqui a muito tempo, faz apenas 5 anos... e o Joel [dono] está morando em São Paulo”*, respondeu a simpática vendedora que estava em seu momento de lanche. Ok, resolvemos partir para outra tentativa.

Fomos ao Café Art Bar e procuramos pelo atual dono, *“Seu Rodrigues”*, como nos foi recomendado. Porém, o mesmo não quis conversa e logo se esquivou *“Não vou saber lhe contar muita coisa não, não estou a tanto tempo aqui. Quem fundou este bar foi meu pai. Ele saberia lhe contar mais coisas”*.

Já estávamos sem esperança diante destas duas tentativas de entrevista frustradas, e saímos andando pela praça. De repente, avisto um senhor que estava sentado e segurava uma maleta. Chamo Vanessa para fazermos a entrevista com ele.

Seu Carlos Nascimento, Engenheiro, com seus 72 anos de idade, sabe muito bem o quanto a praça era um local muito frequentado, bem movimentado

ao ponto ser considerada a melhor da cidade e ser apelidada carinhosamente como *“O Xodó de Teresina”* na época. Conversando, ele expressou sua saudade, lembrando os velhos tempos: *“Os eventos que eu me lembro eram dia de domingo, que ficávamos ali rodeando a praça e olhando. Quando dava mais ou menos oito horas, oito e quinze, que começava as sessões no Rex e no Teatro. Pelo menos eu, entrava para assistir o filme. A maioria das garotas desciam para o clube dos diários nos domingos”*, comentou.

*“Aqui tinha um trânsito ainda que passava de um lado para o outro, aí com a continuação dos tempos, foi que fecharam e por causa disso também diminuiu o movimento. Naquele tempo era gostoso, era melhor do que qualquer outra praça, do que a do Liceu, do que ali a praça do Fripisa, do que essa aqui da São Benedito [Praça da Liberdade]. Naquele tempo só era aqui. Bem movimentado! Os jovens, todo mundo, se encontrava aqui. E quando a gente se encontra aqui, o pessoal daquela idade, a gente fica comentando isso, toda vez que passa por aqui, nos lembramos e dá saudades daquela época”*, lembrou.

Mais adiante, conversando com seu Carlos, percebemos que naquela época as amizades, namoros, casamentos e separações se iniciavam com passeios na Pedro II. A paquera, naquele tempo, era muito diferente. Os rapazes se concentravam em pé, com os braços cruzados de um lado; e do outro, ficavam

as moças, que, vez ou outra, passavam em frente aos pretendentes, até que um criasse coragem para se aproximar. Quando “rolava a química”, os casais subiam para a parte superior da praça.

## **Praça Saraiva**

A Praça Saraiva é mais uma praça dentre as que marcaram espaços de memória entre os teresinenses. Com riqueza arquitetônica, serviu de referência para a construção da Catedral de Nossa Senhora das Dores, A Casa do Barão de Gurguéia (atual Casa da Cultura de Teresina) e o colégio São Francisco Sales (Diocesano).

Oferece um espaço cativante, cheia de árvores e com muita calma. Combinou com o clima que estava fazendo quando estivemos por lá. É um ambiente agradável, e por isso, notamos que muitas pessoas passam por ela, e algumas param por lá para descansar. Chama atenção uma estátua em tamanho real que está no centro da praça: É o Conselheiro Saraiva, foi erguida durante as comemorações ao primeiro centenário de Teresina.

Durante os anos de 1940 até 1960 atraía muitos jovens e casais, que aproveitavam o espaço para se encontrar. Naquele tempo as amizades, namoros, casamentos e separações se iniciavam com passeios na praça.

A praça tem uma faceta cultural, pois já se fez palco de shows e festivais de música, eventos literários, salões de

humor, clube de choro, peças teatrais, exposições de moviemakers e etc. Hoje em dia, talvez por causa da pandemia, não houve mais eventos nela. Uma pena, pois eu, Roberta, já estive presente em um evento nesta praça e gostei muito, achei bem agradável e tem uma vibe única.

## **Enfim, o que restou das praças?**

Em todos os relatos, notamos algo triste: é que as pessoas estão deixando de frequentar as praças por causa dos diversos problemas, especialmente por causa da falta de segurança. Locais estes que, principalmente durante a noite, atraíam pessoas de todos os jeitos e idades que aproveitavam os momentos para descansar e curtir, mas, infelizmente, agora servem como pontos de uso de drogas entre outras avarias.

Depredadas, pixadas, sujas, mau cuidadas e abandonadas. Este é o retrato atual das praças centrais da cidade. Isso é lamentável. Elas são patrimônio importantíssimo e não deveriam ser tratadas da maneira que estão sendo.

As praças constituíram espaços de lazer, confraternização, e principalmente, locais de memória nos teresinenses. Pelo visto, a depender dos nossos governantes, continuarão a ser somente lugares que proporcionaram boas memórias, já que hoje em dia, não há nada tão memorável e agradável para se lembrar delas.

Você já ouviu falar no

# Homem da cobra?



Foto: acervo de Eliane Aragão, pesquisadora e incentivadora da cultura de Teresina. O local é a antiga estação de ônibus rural que ficava na Praça da Bandeira.

De acordo com relatos em uma página do Facebook chamada “Therezina do passado”, as praças centrais, de vez em quando, tinham a presença de uma figura cômica: o homem da cobra. Sim! Essa expressão que tanto falamos por aqui tem uma origem regional!

Era um homem cuja identidade é desconhecida, que costumava aparecer nas praças com um microfone, uma cobra no pescoço e uma banca montada com alguns vidros que continham um tal “elixir da saúde”.

Dizem por aí que o sujeito falava tanto, mas muito mesmo sobre o produto que empolgava quem o via. O barulho era grande, mas chamava a atenção das pessoas. O problema é que ele falava tanto que não dava tempo de ninguém fazer perguntas que pudessem pôr em dúvida a eficácia do remédio.

*“Cura dor de cabeça, cura mal da mulher, cura dor de estômago, cura prisão de ventre, acaba com as lombrigas das crianças e adultos! Leve esse frasco para casa e não terá mais problemas de doença em sua família!”*, dizia o homem da cobra e ainda completava:

*“Tenho vários depoimentos de pessoas que gastavam seu precioso salário em médicos, mas depois que começaram a tomar o elixir da saúde, nunca mais precisaram deles! Venham! É a banca que vende saúde! Vocês não podem perder! Esse elixir cura!”*, fora outros bordões engraçados.

E tem mais! Acredite se quiser, caro leitor: vinham pessoas de outros lugares só para ver o homem da cobra.

A cobra (animal), pelo que era observado, não era ingrediente do elixir. Aparentemente, era usada apenas para chocar e atrair o povo.

Ainda curiosa quanto a essa história, pesquisando na internet percebo que esse “homem da cobra” existia em outras cidades também. Talvez fosse um modelo de “negócios” que funcionava em tempos mais antigos. Confirmamos com uma fonte que gostava muito de andar pelo centro, seu Luiz Martins, de 63 anos, que o “Homem da Cobra” realmente existiu em Teresina.

Esta é apenas mais uma das prováveis origens da expressão “fala mais que o homem da cobra”.



**De São Benedito, da Dona Graça e do Seu Lenilson:  
Fé, patrimônio imaterial da vida**

Por Izaura Martins e Tatiele Sousa

Igreja de São Benedito. Foto: Arquivo/IPHAN.

**“São Benedito, filho de escravos, que em contraste a verdadeira liberdade servindo a Deus e aos irmãos, independente de raça e de cor, livrai-me de toda a escravidão, venha ela dos homens ou dos vícios, e ajudai-me a desalojar de meu coração toda a segregação e a reconhecer todos os homens por meus irmãos (...)”**  
**(Oração de São Benedito)**

Quando a cera quente e derretida tocava o amontoado de pedras, representava, ali, o início de uma história secular. Disposta a ultrapassar os anseios preliminares de seus criadores, os negros. Hora, então começa aqui o legado da fé?

Refúgio era o que buscavam os precursores da São Benedito, silenciados e marginalizados. E por que será que São Benedito é o santo escolhido para nomear o templo? Negro e filho de africanos escravos, o “santo mouro” é também eleito como santo padroeiro de toda a população afro-americana.

Mesmo que nas entrelinhas da história, sua colaboração reafirma a origem da São Benedito, Sebastião Mendes, artista e negro, transcreveu o que sentia para criar formas e texturas com detalhes almofadados e motivos de folhas e flores nas portas da igreja. O relevo em madeira permite sentir quase como se estivesse sido finalizado a pouco tempo, é quase como se fosse um portal que possibilita encontro com a alma de Sebastião, ele que decidiu não esperar

para ver o trabalho concluído, partiu, na agonia de uma quase história de amor.

O Alto da Jurubeba, periferia de Teresina, precisou de 12 anos para transformar-se em Igreja, a São Benedito, o 3º templo católico da cidade arquitetado cuidadosamente por Frei Serafim.

O tempo, apesar de implacável, por si só não foi suficiente para afastar o simbolismo dos degraus que são quase os responsáveis por elevar os féis aos céus.

E o que dizer do impacto que esse templo tem na vida de quem reside na suas proximidades? Dona Graça mora desde os seus 10 anos de idade no centro de Teresina. Hoje, com 71 anos, ela conta com toda delicadeza, a sua vivência. No



Estátua do Frei Serafim. Foto: Izaura Martins.

dia da sua entrevista para essa matéria, ela se demonstrava alegre e receptiva, sentimentos expressados pelo sorriso que abriu ao receber a repórter.

Com toda tranquilidade ela conta as suas experiências. Com a voz pausada ela constrói, a conta gotas, a narrativa valiosa que demonstra a fé na São Benedito. Nostalgia e emoção são elementos dominantes na sua vivência:

“Logo quando eu cheguei aqui nós íamos pra igreja e assistia as missas aos domingos. Quando eu era criança, quem me levava era a mamãe. E eu só me lembro da experiência na igreja São Benedito por que era a mais próxima, embora nossa paróquia seja a da Igreja Nossa Senhora das Dores”.

No seu relato, Dona Graça se mostrava atenciosa a cada ponto intimista da sua crença, com os olhos brilhando. A única coisa que estava no meio do nosso diálogo era o barulho do ventilador, que ligado, era uma tentativa de deixar a entrevista, a mais agradável possível. Mesmo não sendo a igreja da sua paróquia, Dona Graça não se sentia fora do eixo, pelo contrário, ela ressalta a receptividade que sempre sentiu e também a sensação de acolhimento que prevalecia nas solenidades que lá aconteciam.

Com todo o cuidado que sua fala carregava, ela de forma até vibrante, conversava sobre sua fé:

“Bem, sobre a minha fé, ela para mim é: confiança e entrega. É você está mui-

to ansiosa, mas, você simplesmente chama Jesus e o Espírito Santo, e entrega. Mas é entregar mesmo com força e coragem. Aí também precisa se desligar, que a gente consegue alcançar aquilo que a gente quer. E a fé é muito forte. A fé não é fácil pra todo mundo. E hoje eu sou uma mulher altamente feliz. Porque eu conheci Jesus, e Ele mora dentro do meu coração. Vive comigo. Hoje eu tenho um conhecimento muito maior da religião”.

Em maio de 2012, há 10 anos, 18h de um dia quase adormecido, Natália e Lenilson se viam pela primeira vez. A Igreja que sediou momentos de felicidade acolheu pedidos desesperados que muitas vezes escorriam pelos olhos, foi também o lugar escolhido para ambien-



Igreja de São Benedito. Foto: Tatiele Sousa.



Natália e Lenilson. Foto: Arquivo pessoal.

tar o encontro não apenas físico, mas também de propósitos.

Ressalta-se aqui que São Benedito não é lá um Santo muito casamenteiro, pois seus dons são atribuídos especialmente a outras virtudes santas. No entanto, é razoável dizer que ele não se opôs à união da Jornalista ao Bancário, uma vez que desde o encontro na igreja, suas vidas se entrelaçaram de maneira a incorporar em um os desejos do outro. Natália e Lenilson caminharam pelas escadarias, nervosos. Apesar de, no momento do encontro, a Igreja estar aberta, não havia naquele horário nenhuma missa ou programação especial, mas a divindade do templo, somada às expectativas dos apaixonados, era o suficiente para concretizar um grande evento. O casamento dos dois ainda não aconteceu, se é isso que você está ansioso para saber, e nesse caso a Igreja continua disponível para mais uma vez, sediar mais um grande encontro.

E não importa quantos anos passem. A localização geográfica e a determinação das horas sempre levarão às missas, todos os dias às 17h00. Mas você não se esquecerá disso, principalmente se sua casa fica localizada nas proximidades da Igreja, e o alto e profundo badalar dos sinos irá lembrar você de que algo está prestes a começar.

Para além de ouvir histórias, as autoras resolveram acompanhar a experiência de perto. Na tarde de uma terça-feira corriqueira, decidimos ir a uma missa. Queríamos ter uma maior imersão com aquele ambiente de fé, e saímos de lá



Missa na Igreja de São Benedito. Foto: Tatiele Sousa.

com muitas boas memórias. A religiosidade, sendo um curativo, não só para os fiéis que estavam lá para ouvir a palavra de Deus, sem pretensão nenhuma de estar atento a tudo para realizar um trabalho acadêmico. Todos os elementos, suaves e sonoros, representados nos cânticos, na receptividade dos que lá frequentam, eram um alento também para nós, estudantes.

Foi uma ação atípica na rotina tão apertada. Deparar-se com a calma em meio à previsibilidade e correria do cotidiano, foi uma ação que se fez oportuna e necessária. Era dia 02 de agosto, às

17h00, começou a missa em celebração ao dia do Perdão de Assis:

“Hoje celebraremos o perdão de Assis”. Assim dizia o padre com voz grave. As caixas de som ou o microfone pareciam desajustados. Mas tudo bem, porque pareciam estar em sintonia com a restauração que ainda acontecia. O calor escaldante adentrava por cada fragmento, seja de madeira ou cimento. As portas, sinônimo de história e patrimônio histórico de fato, estavam embaladas em plástico sujo que mais parecia oferecer perigo do que proteger o delicado trabalho de Sebastião, certamen-



Estátua de São Benedito. Foto: Izaura Martins.



Porta envolta em plástico. Foto: Izaura Martins.

te, se ele estivesse por aqui, se sentiria ofendido de ver as flores que esculpiu envoltas em descuido e certo desprezo.

Por dentro, as paredes restauradas e limpas, o brilho do chão vermelho refletia de forma sutil a ação e sentimento dos fiéis que chegavam ali, pontualmente, em busca de afago através do ouvir.

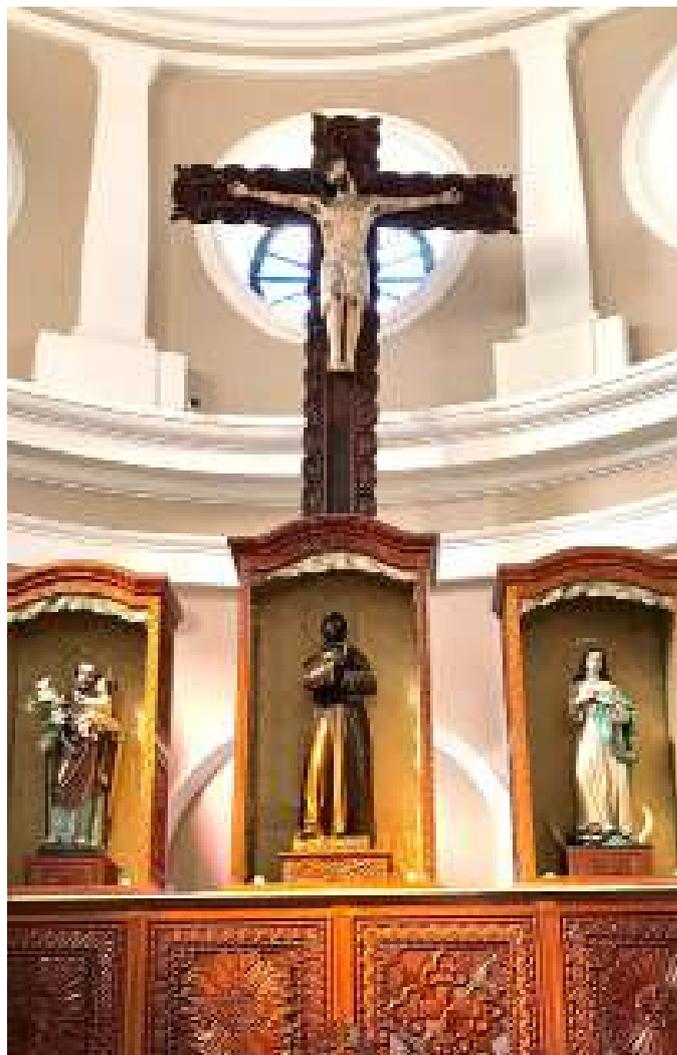
Dizem que a fé vem pelo ouvir, parece ser verdade. Porque ali se concentrava cerca de 100 pessoas para ver e ouvir a palavra que emana de Deus. O divino ali estava, e trabalhava concomitante junto à restauração, só que esta, espiritual.

### ***“o templo também é o povo”***

Através dos versículos da bíblia, o Padre refirmava o privilégio de poder celebrar e agradecer o dom da vida, a saúde e a oportunidade de manifestar-se.

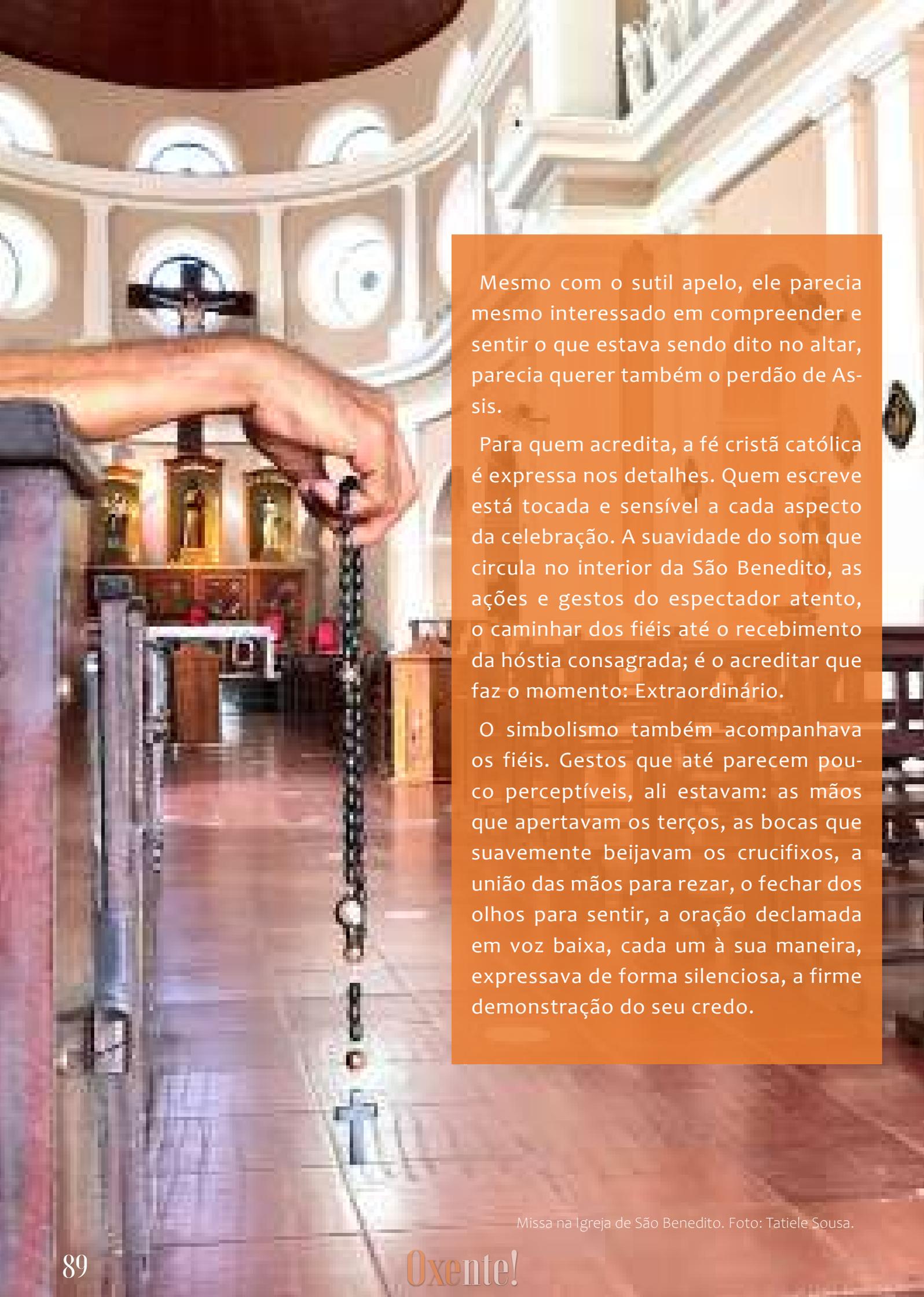
Muitas coisas chamavam a atenção. A presença dos Frades com aquelas roupas que pareciam ter muito peso, carregando correntes, algumas nos pés e outras em volta do pescoço. Enquanto isso, o cântico atravessava os bancos com suavidade acompanhada de um dedilhado no violão e, de vez em quando, instruções para ficar de pé.

No entanto, uma cena gritou, era um espectador bem atento. Sentado no chão, em uma das portas laterais, ele parecia ouvir atentamente o sermão. A primeira impressão é que se tratava de uma pessoa menos favorecida em termos econômicos e sociais. Mas você



Altar da Igreja de São Benedito. Foto: Tatiele Sousa.

deve questionar a propriedade para concluir tais afirmações. Pois bem, ele estava ali descalço, vestido com roupas sujas e rasgadas, um homem de aproximadamente 50 anos, ou mais. Seu rosto cansado, não lhe favorecia. Seus olhos exprimiam tristeza, mas também certa esperança de que pelo menos alguém se sensibilizasse com seu estado e lhe oferecesse alguma quantia em dinheiro, e isso, de fato, aconteceu. Pelo menos duas pessoas caminharam até ele para dar-lhe uma singela quantia, a qual não foi possível enxergar pela rigidez das mãos tanto de quem deu quanto a dele, ao receber.



Mesmo com o sutil apelo, ele parecia mesmo interessado em compreender e sentir o que estava sendo dito no altar, parecia querer também o perdão de Assis.

Para quem acredita, a fé cristã católica é expressa nos detalhes. Quem escreve está tocada e sensível a cada aspecto da celebração. A suavidade do som que circula no interior da São Benedito, as ações e gestos do espectador atento, o caminhar dos fiéis até o recebimento da hóstia consagrada; é o acreditar que faz o momento: Extraordinário.

O simbolismo também acompanhava os fiéis. Gestos que até parecem pouco perceptíveis, ali estavam: as mãos que apertavam os terços, as bocas que suavemente beijavam os crucifixos, a união das mãos para rezar, o fechar dos olhos para sentir, a oração declamada em voz baixa, cada um à sua maneira, expressava de forma silenciosa, a firme demonstração do seu credo.

Missa na Igreja de São Benedito. Foto: Tatiele Sousa.

REVISTA

# Oxente!